

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA

LUCAS GOMES DE SOUZA

**A CERTEZA DA SALVAÇÃO – UMA COMPREENSÃO PASTORAL DA
SEGURANÇA DA REDENÇÃO EM CRISTO.**

Brasília/DF

2022

LUCAS GOMES DE SOUZA

**A CERTEZA DA SALVAÇÃO - UMA COMPREENSÃO PASTORAL DA
SEGURANÇA DA REDENÇÃO EM CRISTO.**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção de grau de Bacharel em
Teologia pelo Seminário Presbiteriano de
Brasília.

Orientador: Prof. Ms. Junio Cezar da Rocha Souza.

Brasília/DF

2022

LUCAS GOMES DE SOUZA

A CERTEZA DA SALVAÇÃO - UMA COMPREENSÃO PASTORAL DA
SEGURANÇA DA REDENÇÃO EM CRISTO.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em
Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Brasília.

Data de aprovação

___ / ___ / ___

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Junio Cezar da Rocha Souza

Departamento de Cultura Geral

Seminário Presbiteriano de Brasília

Prof. M. Div. João Geraldo de Mattos Neto

Departamento de Teologia Pastoral

Seminário Presbiteriano de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Criador dos céus e terra, quem me criou, o autor e consumidor da minha fé, que me dá a graça de viver na sua dependência e me permitiu chegar até aqui.

Agradeço à minha querida esposa Stéfanie, companheira, amada, auxiliadora, que me apoiou e me foi suporte para que concluir esta grande etapa da vida.

Agradeço aos meus pais, que me criaram no caminho do Senhor, mostrando importância e do prazer de viver na presença de Deus desde a mais tenra idade.

Agradeço ao querido professor, reverendo, orientador, Junio Cezar, por dedicar seu tempo e conhecimento em me ajudar na dissertação do presente trabalho.

Agradeço ao Seminário Presbiteriano Noroeste, em Rondônia, pelos três primeiros anos, onde pude ingressar como seminarista, que contribuiu para o ingresso acadêmico teológico ministerial.

Agradeço ao Seminário Presbiteriano de Brasília, que pelos dois anos seguintes, me recebeu e contribuiu para a minha formação.

RESUMO

A salvação é uma dádiva de Deus concedida aos verdadeiros cristãos, e pela sua graça, mediante Cristo, o Espírito Santo aplica essa salvação, e atesta a segurança que o cristão pode ter nessa salvação. Contudo, devido às difíceis circunstâncias da vida, essa certeza pode ser abalada, ocasionando dúvidas, tristezas e até incredulidade ao coração dos crentes. Por isso, serão discutidos no trabalho os fundamentos bíblicos sobre o papel da Trindade na certeza da salvação; como a teologia reformada compreende esse assunto no decorrer da história e no desenvolvimento da doutrina da certeza da salvação; e uma contribuição para o melhor entendimento da responsabilidade do crente diante da certeza da salvação, compreendendo alguns fatores que podem abalar essa segurança e alguns meios utilizados por Deus para o desenvolvimento e maturidade da certeza da salvação.

Palavras-chave: Certeza da Salvação; Escrituras Sagradas; Fé; Segurança; Trindade.

ABSTRACT

Salvation is God's gift to true christians, and by His grace, through Christ, the Holy Spirit applies this salvation, and attests to the assurance that the christian can have in this salvation. However, due to the difficult circumstances of life, this assurance can be shaken, causing doubts, sadness, and even unbelief in the hearts of believers. Therefore, the paper will discuss the biblical foundations on the role of the Trinity in the assurance of salvation; how Reformed theology understands this subject throughout history and in the development of the doctrine of the assurance of salvation; and a contribution to a better understanding of the believer's responsibility before the assurance of salvation, understanding some factors that can shake this assurance and some means used by God for the development and maturity of the assurance of salvation.

Keywords: Certainty of Salvation; Holy Scriptures; Faith; Security; Trinity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA – UM QUADRO PANORÂMICO DA ECONOMIA DA TRINDADE NA CERTEZA DA SALVAÇÃO.....	11
1.1. O CAMINHO DA SALVAÇÃO.....	11
1.2. A ECONOMIA DA TRINDADE E A TRINDADE ESSENCIAL.....	13
1.3. UM QUADRO PANORÂMICO DA ECONOMIA DA TRINDADE NA CERTEZA DA SALVAÇÃO.....	15
1.3.1. Deus Pai.....	15
1.3.2. Deus Filho.....	18
1.3.3. Deus Espírito Santo.....	21
2. O DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA, COMO A TEOLOGIA REFORMADA COMPREENDE ESSE ASSUNTO NA HISTÓRIA.....	27
2.1. IGREJA PRIMITIVA E MEDIEVAL.....	27
2.2. ALGUNS REFORMADORES.....	28
2.2.1. Martinho Lutero.....	28
2.2.2. Huldrych Zúínglio.....	28
2.2.3. João Calvino.....	29
2.3. OS PURITANOS E A SEGURANÇA.....	29
2.4. A ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER.....	30
2.5. ANTHONY BURGUESS E A DEFINIÇÃO DA CERTEZA.....	30
2.6. A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER – DA CERTEZA DA SALVAÇÃO.....	31
2.6.1. A certeza.....	32
2.6.2. O Fundamento da certeza.....	33
2.6.3. O cultivo da certeza.....	36
2.6.4. A renovação da certeza.....	39
3. APLICAÇÃO PASTORAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O MELHOR ENTENDIMENTO DA RESPONSABILIDADE DO CRENTE DIANTE DA CERTEZA DA SALVAÇÃO.....	42
3.1. FATORES QUE ABALAM A CERTEZA.....	42
3.1.1. A ansiedade.....	42
3.1.2. A solidão.....	43
3.1.3. A dúvida e a incredulidade.....	44
3.1.4. O Sofrimento.....	46
3.1.5. As provações.....	47
3.1.6. O pecado.....	48
3.2. O CAMINHO E A MATURIDADE DA CERTEZA.....	48
3.2.1. A natureza da fé.....	49
3.2.2. Os meios de graça como instrumento para a obtenção da certeza.....	49
3.2.3. O conhecimento.....	52
3.2.4. As promessas de Deus.....	53
3.2.5. A maturidade cristã.....	54
3.2.5.1. As tribulações.....	54

3.2.5.2. <i>A perseverança</i>	55
3.2.5.3. <i>A fé e a esperança</i>	56
3.2.5.4. <i>Crescimento espiritual</i>	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

INTRODUÇÃO

Muitos cristãos são movidos pela dúvida quando o assunto é a plena e assegurada salvação delas em Cristo, sendo afetadas pelos problemas e dificuldades que a vida lhes impõe ou por pecados e consequências que tendem a tirar o foco deles em Cristo.

Como objeto de pesquisa, faz-se necessário compreender a partir das Escrituras, alguns problemas encontrados pelo cristão em relação à compreensão e convicção desta doutrina, desde a plena certeza, como os fatores que podem abalar essa certeza e quais sinais são necessários para ser afirmado ao cristão a sua salvação em Cristo Jesus.

A Palavra de Deus aponta para o fato de que todo aquele que crê em Cristo Jesus, para salvação, e se arrepende de seus pecados, é salvo por ele. O Espírito Santo passa a habitar no cristão, sendo como a garantia dessa salvação, gerando transformação de vida e segurança. O verdadeiro crente deve se apegar ainda mais em Deus e na sua Palavra, se assegurando de que todos os que são salvos em e por Cristo, não podem ser tirados da sua mão, ainda que as dificuldades superabundem, abalando a sua fé.

As Escrituras Sagradas fornecem base para a verdadeira certeza, e tudo o que está escrito nela, serve para ensinar, dar esperança (Rm 15.4), ao exercitar a fé, que é a certeza daquilo que se espera e a prova das coisas que não se vê (Hb 11.1), na aplicação das promessas que os crentes tem da parte de Deus (2Co 7.1), e no testemunho do Espírito em suas vidas (Rm 8.16). Para Joel Beeke a segurança redentora capacita o cristão a viver na fé e pela fé, cada vez mais dependente da graça de Deus e cada vez mais grato pela salvação, vivendo e morrendo alegremente no desfrute do conforto que temos em Cristo, tendo paz com Deus¹.

Todo cristão tem a necessidade e o anseio por desfrutar da segurança redentora em Cristo. Beeke argumentou que os verdadeiros cristãos anseiam pela afirmação divina de que são salvos em Cristo e por Cristo, e essa certeza não provem primariamente do homem, mas sim de Deus, ela não está reservada a um grupo pequeno e seletivo que por acaso é mais espiritual que os demais, mas a certeza da fé bíblica é normativa para os verdadeiros cristãos².

¹ BEEKE, Joel. **A Segurança da Salvação: o Poder e a Beleza da Verdadeira Certeza da Fé**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2019, p. 49, 50.

² Ibid., p. 49.

De acordo com Tenney, por redenção entende-se como a libertação da servidão, libertação do poder de um domínio estrangeiro. A redenção é sempre efetuada por meio de outrem, e o cerne da mensagem bíblica da redenção é a libertação do povo de Deus do pecado, mediante o pagamento da dívida de seus pecados, que foi saldada na cruz pelo perfeito sacrifício substitutivo de Jesus Cristo. O redentor é aquele que tem o direito da redenção ou que exerce esse direito. A Bíblia apresenta Cristo como o Redentor dos eleitos³.

Portanto, o presente projeto visa buscar o entendimento das concepções da Segurança da Salvação em Cristo e as aplicações práticas desta doutrina para os cristãos, ressaltando: a fundamentação Bíblica, quanto à ação da Trindade na certeza da salvação; o desenvolvimento desta doutrina, em mostrar um panorama de como a teologia reformada compreende esse assunto na história; e contribuir para o melhor entendimento da responsabilidade do crente diante da certeza da salvação. Para isso, a metodologia deste trabalho se dá em pesquisa bibliográfica, a partir de materiais que já foram publicados.

A certeza da salvação é de maneira universal a todos os cristãos, e em decorrência disso, entende-se que o crente, ainda que enfrente momentos difíceis na vida, nada é capaz de tirar a sua salvação em Cristo, mesmo que ele fraqueje ou se desvie por tempo determinado da fé cristã, ele não ficará neste estado permanentemente, mas será convergido para o único Caminho, que é Cristo Jesus.

³ TENNEY, Merrill C. Vários Autores. **Enciclopédia da Bíblia**. Vol. 5. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2008, p. 87,88.

1. A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA – UM QUADRO PANORÂMICO DA ECONOMIA DA TRINDADE NA CERTEZA DA SALVAÇÃO.

1.1.O CAMINHO DA SALVAÇÃO

Ao adentrar na compreensão da fundamentação bíblica quanto à segurança redentora, é preciso compreender o que é salvação. Conforme Anthony Hoekema, o estudo da aplicação da obra da redenção ao povo de Deus é chamado *soteriologia* - termo derivado de duas palavras gregas, *soteria* e *logos*, que significam a doutrina da salvação⁴. A salvação se dá pela iniciativa de Deus, mediante Cristo, com a operação do Espírito Santo aplicando-a na vida dos salvos. Isso assegura que essa salvação é concreta, plena e imperdível. Contudo, devido às circunstâncias da vida, a certeza da fé, da aplicação da salvação, pode ser abalada. Geerhardus Vos também escreveu que a salvação requer a providência geral de Deus exercida a nosso favor, não como uma curiosa e maravilhosa auto demonstração de Deus, mas como o próprio cerne da verdadeira religiosidade. É bem apropriado manter uma crença acolhida e uma vida conduzida baseada numa relação com Deus. A salvação é dom de Deus do começo ao fim⁵.

No caminho de salvação, alguns teólogos reformados apresentam uma ordem conhecida como *ordo salutis* (ordem da salvação). Conforme Louis Berkhof observou, a *ordo salutis* descreve o processo pelo qual a obra de salvação é concretizada nos corações e vidas dos pecadores redimidos. Ela não se refere a uma ordem estritamente cronológica, mas lógica, visando à relação da Trindade na obra da salvação⁶.

Anthony A. Hoekema ressaltou que não se pode pensar numa ordem de salvação com passos ou estágios sucessivos:

“Devemos, assim, pensar, não numa *ordem de salvação* com passos ou estágios sucessivos, mas, antes, numa só obra maravilhosa da graça de Deus - *um caminho de salvação* - dentro do qual distinguimos diversos aspectos [...] as diversas fases do caminho da salvação não devem ser vistas como uma série de passos sucessivos, cada qual tomando o lugar do anterior, mas, antes, como aspectos simultâneos do processo da salvação, os quais. Depois de iniciados, continuam lado a lado”⁷.

⁴ HOEKEMA, Anthony A. **Salvos Pela Graça**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011, p. 17.

⁵ VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010, p. 111.

⁶ BERKHOF, **Teologia Sistemática** 1990, p. 383.

⁷ HOEKEMA, **Salvos Pela Graça**, 2011, p. 28.

Herman Bavinck, quanto à *ordus salutis* escreveu que, a salvação, deve ser interpretada teologicamente, como uma obra de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. O caminho da salvação foi estabelecido antes da criação do mundo no conselho de paz entre o Pai e o Filho. Ele pressupõe comunhão com Jesus Cristo, um elo formado entre ele como mediador e os eleitos. A expiação⁸ e a justificação já estão presentes em Cristo como fruto de sua obra, e são apropriadas pelo crente por meio do Espírito Santo. Regeneração, fé e conversão não são preparação, mas os benefícios da comunhão actual dos crentes com Deus em Cristo, comunicada a nós pelo Espírito Santo⁹.

Wayne Grudem apresenta uma relação dos elementos que são considerados no caminho da salvação: 1) a eleição, que é o ato de Deus em escolher, por sua suprema boa vontade, antes da criação do mundo, algumas pessoas para serem salvas; 2) o chamado eficaz, como o ato de Deus falando através da proclamação do evangelho, pelo qual ele convoca as pessoas para si de tal modo que elas respondem com fé salvífica; 3) a regeneração, que é um ato secreto de Deus pelo qual ele concede nova vida espiritual ao eleito; 4) a conversão, como uma resposta do regenerado ao chamado do evangelho pelo qual há sincero arrependimento de pecados e o depósito da confiança em Cristo para receber a salvação; 5) a justificação, que é um ato instantâneo e legal da parte de Deus Pai, pelo qual ele considera os pecados perdoados e a justiça de Cristo pertencente ao eleito, declarando-o justo na presença dele; 6) a adoção, onde Deus faz dos crentes eleitos como membros de sua família; 7) a santificação, como uma obra progressiva da parte de Deus e do homem que os torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo em sua vida presente; 8) a perseverança dos santos, que se refere a todos os que verdadeiramente nasceram de novo, que são guardados por Deus e esses perseverarão como cristãos até o final de suas vidas; 9) e a glorificação, o passo final da aplicação da redenção, que ocorrerá quando Cristo voltar para buscar a cada cristão, para a morada eternal e celestial¹⁰.

As Escrituras Sagradas, em Romanos 8.29,30, e Efésios 1.1-14 apresentam uma aproximação a algo como uma *ordo salutis*. Baseado nesses textos, alguns termos a serem tratados, podem ser destacados como “predestinação, conhecimento, chamado, justificação, glorificação e também adoção”.

⁸ Expiação se refere à obra que Cristo realizou em sua vida e morte para que o cristão obtenha salvação.

⁹ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: o Pecado e a Salvação em Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 493.

¹⁰ GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999, p. 559, 560, 580, 584, 592, 604, 615, 622, 659, 695.

1.2.A ECONOMIA DA TRINDADE E A TRINDADE ESSENCIAL

As Escrituras também mostram que a Trindade, está inteiramente envolvida na salvação do verdadeiro crente. Conforme William Hendriksen, a Escritura comprova que Deus é Triúno (Pai, Filho e Espírito Santo), o único e verdadeiro Deus, que deve ser o objeto central de nosso amor e culto¹¹.

Boyer Orlando, quanto a Trindade, escreveu que ela é:

“A união de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em um só Ser divino. Os três são distintos, iguais e, por conseguinte, co-eternos e consubstanciais numa natureza única e individual. Cada uma dessas pessoas é Deus, e, no entanto, só há um Deus”¹².

Para Taylor:

“A Trindade é a concepção cristã ousada que Deus consiste em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, que têm uma natureza comum ou essência. É a compreensão de que Deus é tri-pessoal, mas ao mesmo tempo é um em essência ou natureza ou tipo de ser. Há três Pessoas, mas os três são um Deus, da maneira mais fundamental. Isto significa que, apesar de falar de três pessoas, não estão falando de três deuses (triteísmo), mas um”¹³.

Contudo, pode ser observada uma diferença entre a “economia da Trindade” e a “Trindade essencial”. Na Trindade essencial se refere à essência e unidade de Deus, não são três deuses, mas sim um único Deus. Taylor afirmou que:

“A Trindade essencial é um lembrete de que a Trindade é a unidade de Deus. [...] ela é eterna, porque tal Trindade pertence à própria natureza de Deus. [...] Afirmar a Economia da Trindade sem também afirmar a Trindade Essencial é abrir a porta para alguma forma de modalismo. [...] Portanto, as três Pessoas da Divindade são eternas, porque só Deus é eterno. E uma vez que o único Deus não muda, sempre existiu como Pai, Filho e Espírito Santo. Neste sentido, a Trindade é um aspecto eterno e essencial de Deus.”¹⁴.

Por outro lado, a economia da Trindade se refere ao papel que cada pessoa da Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) exerce. Bavinck afirmou a “economia dos trabalhos divinos (Pai e criação, Filho e redenção, Espírito Santo e

¹¹ HENDRICKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Romanos**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001, p. 336.

¹² BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2006, p. 656.

¹³ TAYLOR, Richard S. **Dicionário Beacon Teológico**. Campinas, SP: Casa Nazarena de Publicações, 1994, p. 282, 283.

¹⁴ Ibid., p. 815.

santificação)”¹⁵. Héber Campos definiu a economia trinitária como “o modo de Deus trabalhar (o *modus operandi*), de a Trindade realizar todas as coisas que acontecem no universo criado”. Na economia da Trindade, “cada uma das pessoas da Trindade possui uma função diferente. Em essência, as três Pessoas são co-iguais, embora tenham funções diferentes na economia da Trindade”¹⁶.

Richard S. Taylor escreveu que a Economia da Trindade:

“É um conceito teológico que descreve a revelação da Trindade na economia divina (οικονομία, *oikonomia*) ou obra de salvação. *oikonomia*, que originalmente se referia à administração de uma casa, aqui define a "economia da Trindade", em contraste com a "Trindade essencial". Isso descreve o que Deus é intrinsecamente ou essencialmente sem referência à sua relação com a ordem da criação. [...] Na teologia paulina pode reconhecer as linhas principais da economia de Trindade. Distingue o Pai e o Filho por diferentes funções ou operações em salvação. Assim, o Pai escolhe, o Filho redime, e (há) os selos do Espírito (Ef 1. 3-14)”¹⁷.

Herman Bavinck confirma que se pode reconhecer na Trindade certa economia na obra da criação e da redenção: na criação e na recriação se pode observar uma economia que dá ao crente o direito de falar do Pai e da criação, do Filho e da redenção, do Espírito e da santificação (1Pe 1.2)¹⁸. Cada pessoa da Trindade exerce uma ação nesse processo de salvação. Héber Campos escreveu que isso foi estabelecido no Conselho Eterno, composto pelo Pai, Filho e Espírito Santo, e que diz respeito a um entendimento de sabedoria entre os membros da Trindade para a realização de tudo o que haveria de acontecer na história e ainda vai acontecer¹⁹.

Diante disso, a seguir será tratado sobre um quadro panorâmico da economia da Trindade, a operação de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo na segurança da salvação do crente.

¹⁵ BAVINCK, **Dogmática Reformada**, 2012, p. 61.

¹⁶ CAMPOS, **As Duas Naturezas do Redentor**, 2003, p. 30, 43.

¹⁷ TAYLOR, **Dicionário Beacon Teológico**, 1994, p. 282, 283.

¹⁸ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**, 2012, p. 576.

¹⁹ CAMPOS, Héber Carlos. **As Duas Naturezas do Redentor**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2003, p. 29.

1.3.UM QUADRO PANORÂMICO DA ECONOMIA DA TRINDADE NA CERTEZA DA SALVAÇÃO

1.3.1. Deus Pai

Héber Campos, dissertando sobre esse assunto, certa vez escreveu que na economia da Trindade, é atribuído a Deus Pai o cuidado das suas criaturas, e quando o crente está em necessidade, ele é instado a procurar por Deus na condição de Pai, porque é a atribuição de um pai prover para as necessidades de seus filhos²⁰.

As iniciativas, tanto da criação quanto da redenção, têm sido sempre atribuídas a primeira pessoa da Trindade²¹. À luz dos textos bíblicos de Efésios 1.4-14 e Romanos 8.29,30, pode-se compreender que Deus escolheu os verdadeiros crentes, antes mesmo que houvesse mundo. Hoekema afirma que a aplicação da salvação ao povo de Deus tem suas raízes no seu Decreto, segundo o qual ele escolheu seu povo para a vida eterna, pelo seu próprio prazer, não com base em qualquer mérito da parte desse povo, mas pela sua própria vontade²².

Por Decreto de Deus, entende-se como o seu plano ou propósito eterno, no qual preordenou todas as coisas que acontecem²³. Chan Van Dixhoorn afirmou que desde toda a eternidade, Deus ordenou tudo quanto possa ou há de acontecer, e tudo o que acontece no tempo e na eternidade está de acordo com sua vontade²⁴.

Conforme Tenney, no Antigo Testamento, o conceito da paternidade de Deus é entendido de modo soteriológico. Logo, ser um filho de Deus no Antigo Testamento tem seu fundamento na eleição e redenção divina. Quando Deus é descrito como Pai, expressa-se tanto o seu amor misericordioso e perdoador, como o seu direito a ser respeitado e obedecido. Se o indivíduo via Deus como o seu Pai, era por causa da sua posição como membro do povo, e porque experimentava da redenção de Deus a Israel²⁵.

A passagem bíblica de Deuteronômio 32.1-6 descreve Moisés convocando a todos, invocando céus e terra como testemunhas, para ouvirem as palavras que seriam ditas. No decorrer de seu discurso, ele apresentou um contraste feito entre a perfeição de

²⁰ CAMPOS, Héber Carlos. **O ser de Deus e as Suas Obras: a Providência e Sua Realização Histórica**. Vol. 2. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001, p. 87.

²¹ CAMPOS, **As Duas Naturezas do Redentor**, 2003, p. 30.

²² HOEKEMA, **Salvos Pela Graça**, 2011, p. 17,18.

²³ BERKHOF, Louis. **Manual de Doutrina Cristã**. Patrocínio, MG: CEIBEL, 2008, p. 66.

²⁴ DIXHOORN, Chan Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2017, p. 69.

²⁵ BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Vol. 3. São Paulo, SP Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985, p. 385.

Deus, amoroso e com um propósito para o seu povo, e a imperfeição e pecado do seu povo. Em Deuteronômio 32.6, Peter Craige comentando essa passagem bíblica, escreveu que em sua própria estultícia, os israelitas falharam em reconhecer a Deus como Pai, como aquele que os havia adquirido e estabelecido como um povo, em reconhecer que todas as exigências dele não eram imposições pesadas, mas um reflexo do amor do Deus da aliança. Deus Pai criou e estabeleceu o seu povo, redimindo-o do Egito e essa criação foi iniciada na graça e no amor pactual do Senhor, mas Israel se esqueceu dessa graça e agiu perversamente, e isso foi o mesmo que esquecer sua própria razão de ser²⁶.

Ao olhar para os profetas, pode-se perceber que a promessa central da aliança do Senhor, que sustentou seu povo ao longo da história, foi o fato de que Israel seria o povo de Deus, e o Senhor o Deus de Israel²⁷. Em Isaías 63.8,16, o profeta declara que Deus Pai era o Redentor de Israel. John Oswalt, comentando essa passagem bíblica, escreveu que Israel não era um povo qualquer, mas sim o povo de Deus. Deus é o Pai de Israel e as relações dele com os seus filhos são mais profundas que as que existem entre um pai e um filho terreno, visto que Deus nunca pode negar seus filhos. Deus é Pai e também Redentor, Ele é aquele que redimiou a Israel, que redimiou não apenas do Egito, mas também das hostes de outros inimigos. Para qualquer israelita a evidência mais fundamental da beneficência divina era o fato da eleição. Deus escolhera a Abraão e a seus descendentes (Gn 12.1,2; 15.5,6) para ser seu povo e, mesmo que não houvesse qualquer mérito da parte deles para Deus os haver escolhido, ele o fez pela sua graça. Como resultado dessa eleição e da santidade de Deus, ele se tornou o Salvador de Israel. O relacionamento de Deus Pai com Israel era de libertador. Isso pressupunha que Deus não impedira que as coisas difíceis lhes acontecessem apenas porque estavam nessa relação favorável, mas que quando viessem, eles poderiam saber que Deus estaria ao lado deles. A graça de Deus e a sua determinação de redimir o seu povo, os assegurava de seu amor e ternura que se expressavam nas circunstâncias difíceis²⁸.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo escreveu que Deus Pai é quem escolheu todos os verdadeiros crentes, antes da fundação do mundo (Ef 1.3,4), e a sua

²⁶ CRAIG, Peter C. **Comentário do Antigo Testamento – Deuteronômio**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2013, p. 404.

²⁷ Ezequiel 36.28

²⁸ OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento: Isaías**. Vol. 2. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011, p. 728, 729, 737.

eleição não foi um plano de última hora, como se ele fosse pego de surpresa ou como se o primeiro plano dele tivesse fracassado, pelo contrário, antes que existissem céu e terra, ele já havia decidido escolher em Cristo, para a salvação. E nenhum problema neste mundo ou no mundo por vir pode cancelar essa eleição divina.

Deus Pai, como autor primário, é aquele que deu o primeiro passo, planejando a obra de redenção (Ef 1.3-6). Logo não é o crente quem escolhe a Deus, mas sim ele quem escolhe, desde o princípio, antes da fundação do mundo, antes dos tempos eternos, para a salvação, pela santificação, para que o cristão dê frutos, não segundo as suas obras, mas conforme a própria determinação de Deus (Ef 1.4; 2Ts 2.13; Jo 15.16; 2Tm 1.9). Ele escolheu desde o princípio para a salvação (2Ts 2.13). Ninguém é capaz de buscar a Deus sem antes ele operar, porque não há nenhum justo (Rm 3.10-12) e ninguém pode salvar-se a si mesmo. Mas Deus, em seu amor, é quem procura os pecadores, quem os escolheu para que creiam em Jesus, para serem santos e irrepreensíveis, para obedecer a ele (Ef 1.4; Lc 19.10; At 13.48; 1Pe 1.2).

Conforme Lopes, Deus escolheu o seu povo não por causa dos seus méritos, mas apesar dos deméritos. A eleição divina é incondicional, é a raiz da salvação. O verdadeiro crente foi eleito para Deus, para andar com ele e nele se deleitar. Deus é a fonte de prazer, o amado da alma e na sua presença encontra-se plenitude de alegria²⁹.

Deus escolheu e também predestinou os eleitos para serem conformes a imagem de seu Filho (Ef 1.5; Rm 8.29). Russell Shedd afirmou que o interesse divino é que os eleitos sejam transformados em réplicas, imagens de Jesus Cristo e retratos vivos dele³⁰. Deus os adotou, segundo a boa determinação de sua vontade, e na sua adoção o seu infinito e terno amor se estende, pois além de salvá-los ele os faz seus filhos, por meio de Jesus Cristo (Ef 1.5), e mediante essa adoção, podem chamar Deus de Pai, podem clamar “Abba Pai” (Rm 8.15), Ele salva, adota, assegura.

Para João Calvino, Deus, ao adotar, destinou os verdadeiros crentes, que são os eleitos, uma herança celestial, incorruptível e eterna, que foi manifestada em Cristo, e por meio desta manifestação remove toda e qualquer incerteza, e enaltece a excelência desta herança da qual compartilham com o Unigênito Filho de Deus³¹. Hendriksen explicou que o uso desse termo era feito pelas criancinhas e mais tarde se tornou mais amplo, e foi a mesma palavra pronunciada também por Jesus quando, em profunda

²⁹ LOPES, Efésios, 2009, p. 24.

³⁰ SHEDD, Russell. **Tão Grande Salvação**. São Paulo, SP: Vida Nova 1991, p. 15.

³¹ CALVINO, João. **Comentário de Efésios**. São Paulo: Edições Parakletos, 1998, p. 288, 289.

agonia, no jardim de Getsêmani, derramou sua alma perante seu Pai celestial (Mc 14.36). Nessa palavra há ternura, há confiança e o amor³².

Aos verdadeiros crentes é concedido o privilégio de poder chamar a Deus de Pai, e como resultado, recebem alguns benefícios derivados de sua adoção como filhos de Deus. Segundo Hoekema, passam a ter o direito de se aproximarem confiadamente junto ao trono da graça (Hb 4.16; 1Jo 5.14); podem usufruir da bênção, da proteção e do cuidado de Deus (Mt 6.25-34; 1Pe 5.7); e ainda que passem por adversidades, elas não são punições por seus pecados, mas, sim, disciplinas paternas (Hb.12.5-11)³³.

Portanto, quanto à soberania de Deus, ele tem o controle de todo o universo, inclusive da salvação. O coração de cada cristão está em suas mãos e ele o inclina segundo o seu próprio querer, ele faz todas as coisas conforme o conselho da Sua própria vontade (Pv 21.1; Ef 1.11). Os crentes podem perseverar e ter a certeza somente pelo poder de Deus, pois se forem deixados por si só, entregues a si mesmos, eles indubitavelmente cairiam e “perderiam a sua salvação”. Contudo, Deus não permite que isso aconteça aos que são seus, aos que ele escolheu em Cristo antes da criação do mundo, que destinou para serem conformes à imagem do seu Filho (Ef 1.4; Rm 8.29). Os crentes podem se alegrar e serem assegurados de que Deus nunca os abandonará, assim como sempre esteve com Israel, mesmo na infidelidade do seu povo, ele nunca os abandonou. A redenção de Deus é certa, a graça salvadora de Deus é eficaz e impossível de ser perdida. Se os crentes forem deixados por si mesmos, eles até podem se desviar de Deus, mas Deus jamais permitirá que seus escolhidos percam a salvação. A segurança espiritual dos crentes, portanto, depende, principalmente, não de que eles se segurem em Deus, mas de que Deus os segura. E este é o ponto mais importante, é realmente o cerne da doutrina. Os crentes perseveram apenas porque, em seu imutável amor, Deus os capacita a perseverar³⁴.

1.3.2. Deus Filho

Se todas as coisas provêm do Pai, provêm com a mediação do Filho, (1Co 8.6); Deus Pai é apresentado como a causa absoluta de todas as coisas, e o Deus Filho a causa mediadora. Ele é a segurança do seu povo; quem executa o plano de redenção feito pelo Pai realizando-o mais particularmente em sua encarnação, em seus

³² HENDRICKSEN, *Comentário do Novo Testamento*, 2001, p. 327.

³³ HOEKEMA, *Salvos Pela Graça*, 2011, p. 18, 229.

³⁴ *Ibid.*, p. 18, 259.

sofrimentos e em sua morte³⁵. Todas as bênçãos que o cristão recebe do Pai, recebe-a em Cristo.

Héber Campos escreveu que o nascimento de Jesus Cristo já fora predito no Antigo Testamento, desde Genesis 3.15, quando Deus disse à serpente que da semente da mulher haveria de nascer um descendente que esmagaria a cabeça da serpente e a sua descendência. Promessa essa que se repetiu ao longo do Antigo Testamento, por exemplo, com a promessa de Deus de um descendente a Abraão, descrita em Gn 12.7 e interpretada pelo apóstolo Paulo em Gl 3.16 como sendo Jesus. Esse descendente é Deus Filho, Jesus Cristo³⁶.

Em Isaías 7.14; 9.6, O escritor bíblico escreveu sobre um Messias humano em sua natureza, mas que, ao mesmo tempo, é também divino em sua natureza. Isaías poderia até não saber com plena clareza como o seria, mas ele afirma que o Messias, aquele que haveria de vir, era o Filho de Deus, que teria uma natureza divina, conforme os nomes que ele registra: “Pai da Eternidade, Príncipe da Paz, Maravilhoso Conselheiro e Deus forte”, e esse Messias haveria de ser chamado Emanuel, que quer dizer “Deus conosco”. De ninguém se podia dizer tal coisa, além de Deus, por isso, na concepção dos profetas do Antigo Testamento, e com Isaías, por exemplo, o Messias era para ser divino, o Deus Filho³⁷.

Jesus Cristo veio ao mundo e se encarnou, se tornando humano como nós, mas a sua plena encarnação aconteceu apenas no Novo Testamento. Todavia, ao mesmo tempo, aquele que nasceu de Maria não passou a existir em sua totalidade em Maria e de Maria, a sua natureza divina precede à existência de sua natureza humana. Jesus veio na plenitude dos tempos (Gl 4.4), Deus o enviou. Héber Campos escreveu também que o que foi nascido de mulher no tempo apropriado, passou a exercer as funções de Redentor dos filhos de Deus. A natureza humana assumida veio da semente da mulher (Gn 3.15; Lc 1.31,32), mas a Pessoa divina, com natureza divina, o Filho de Deus, já existia antes de o Salvador ser concebido e nascer de Maria³⁸.

A fim de salvar os eleitos, Deus não poupou o seu próprio Filho, mas o enviou para que todo o que nele vir a crer, tenha a vida eterna, a salvação (Jo 3:16). Só pode ser enviado aquele que já existia. Hendriksen destacou que Jesus satisfaz as demandas da justiça, libertando os pecadores do jugo do pecado, para que com seus

³⁵ BERKHOF, *Teologia Sistemática*, 1990, p. 89.

³⁶ CAMPOS, *As Duas Naturezas do Redentor*, 2003, p. 437.

³⁷ *Ibid.*, p. 171.

³⁸ *Ibid.*, p. 254, 258.

corações transbordantes pelo amor por Deus e desejosos de fazer sua vontade, sejam movidos por gratidão a ele³⁹.

Jesus deixou a sua glória e se encarnou, assumiu a natureza humana, em forma de servo, a si mesmo se humilhou, foi obediente a Deus até a sua morte (Fp 2:5-11); embora fosse rico, mas, por nossa causa, tornou-se pobre (2Co 8.9). Ele condenou o pecado na sua própria carne, a fim de que o justo requerimento da lei se cumprisse nos verdadeiros crentes⁴⁰. Na cruz ele levou sobre si os pecados dos crentes, sofreu, suportou a ira de Deus, por amor ao seu povo, e morreu na cruz (Is 43.4-12). Pela sua total obediência ao Pai e pelo seu sofrimento, morte e ressurreição, o Senhor Jesus Cristo conquistou para os seus, a salvação do pecado e de todas as suas consequências⁴¹.

Entretanto, a obra da qual ele fora incumbido não terminou com o sofrimento e morte, mas na sua ressurreição e glorificação. Por meio de seu sacrifício, ele realizou tudo o que havia para realizar na esfera da justiça: satisfaz a exigência de Deus, cumpriu a lei e adquiriu todos os benefícios da graça. Herman Bavinck muito bem destacou ao afirmar que essa obra está completa e não pode ser aumentada nem diminuída. Nada pode ser acrescentado a ela e nada pode ser subtraído dela, pois está completa. Cristo tirou do crente a culpa e punição e cumpriu a lei em seu lugar. A aplicação dos benefícios de Cristo se constitui em justificação, na certeza do perdão de pecados, e o direito à vida eterna e santificação, na renovação da sua imagem em nós⁴².

Lopes destacou que em Efésios 1.4-14, o apóstolo Paulo ressaltou quatro bênçãos gloriosas procedentes de Jesus Cristo: a redenção, o perdão, a revelação e que Ele faz herança⁴³. Segundo Francis Foulkes, a palavra *redenção* traz a ideia de comprar e deixar livre mediante pagamento de um preço. A ideia fundamental de redenção é de tornar livre uma coisa ou pessoa que se tornara propriedade de outrem⁴⁴. Jesus pagou o preço da redenção, através do seu sangue (1.7; 1Pe 1.18,19), por isso os crentes estão livres da lei, da escravidão do pecado, do mundo, e do poder de Satanás (Gl 5.1; Rm 6.1; Gl 1.4; Cl 1.13,14)⁴⁵. Cristo os perdoou, morreu para lavá-los de todo pecado, logo já não há qualquer acusação registrada contra eles, os cristãos (Cl 2.14), pois seus pecados foram levados embora. Cristo revelou a vontade de Deus, iluminando-os com a

³⁹ HENDRICKSEN, **Comentário do Novo Testamento**, 2001, p. 327.

⁴⁰ Ibid., p. 328.

⁴¹ HOEKEMA, **Salvos Pela Graça**, 2011, p. 17.

⁴² BAVINK, **Dogmática Reformada**, 2012, p. 578.

⁴³ LOPES, **Efésios**, 2009, p. 26.

⁴⁴ FOULKES, Francis. **Efésios: Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989, p. 41, 43.

⁴⁵ LOPES, **Efésios**, 2009, p. 27.

compreensão do seu propósito, a sua graça é derramada sobre eles em toda a sabedoria e prudência (Ef 1.8). E Jesus os fez herança, nele os crentes tem uma linda herança, e também são uma herança. Aos que são porção de Deus, têm sua herança nele⁴⁶.

Beeke destacou que a fé em Cristo é como confiança segura e reconfortante, que concede o perdão dos pecados, e é apresentada como compromisso seguro e direto com sua pessoa, por meio do próprio Cristo, que é a ressurreição e a vida (Jo 11.25). A fé é uma esperança segura baseada em promessas divinas que foram cumpridas em Cristo que traz consigo a salvação tanto aqui e agora quanto no porvir. A natureza da fé salvífica leva ao abandono de todo mérito próprio em uma atitude plenamente cristocêntrica (Rm 3.22-26), e está baseada na excelência e na finalidade da obra redentora de Cristo, a qual ultrapassa os profetas, os anjos, Moisés, Arão e todos os sumos sacerdotes da economia levítica; e anseia pela redenção final de todas as coisas⁴⁷.

A eterna segurança das ovelhas de Cristo está unida à sua obra redentora por seu povo. Jesus conhece as suas ovelhas e deu a vida por elas, as suas ovelhas ouvem a sua voz, o seguem e jamais podem ser arrancadas de suas mãos (Jo 10.27,28); todos aqueles que o Pai lhe deu voltam-se para ele em fé, e ele assegura que guardará aqueles que o Pai lhe deu de maneira que nenhum se perca (Jo 6.37, 39, 40). Por outro lado, aqueles que o rejeitam, revelam não pertencer ao seu rebanho. Cristo efetuou sua obra salvadora especificamente por seu rebanho, seu povo, a segurança dos crentes não depende da firmeza com que se seguram em Cristo, mas da firmeza com que Cristo os segura. A segurança em Cristo pode, algumas vezes, estar bem fraca, mas a segurança de Cristo é forte e inquebrável⁴⁸. Logo, esse benefício que os verdadeiros crentes recebem de e em Cristo, não pode ser perdido, tendo em vista que estão seguros nas mãos dele, de maneira que nada pode arrancá-los.

1.3.3. Deus Espírito Santo

Bavinck destacou que o Espírito Santo, embora seja um em essência com o Pai e o Filho, é distinto deles como pessoa. Ele tem sua própria forma de existir, seu próprio modo de agir. Enquanto Cristo realizou a obra da salvação, o Espírito Santo age na aplicação dela, a obra do Espírito não pode nem por um instante ser separada da obra de Cristo. Cristo satisfaz as exigências da justiça divina e mereceu todas as bênçãos da salvação. Embora tenha completado toda a obra que o Pai o instruiu a realizar sobre a

⁴⁶ FOULKES, *Efésios*, 1989, p. 46.

⁴⁷ BEEKE, *A Segurança da Salvação*, 2019, p. 55-58.

⁴⁸ HOEKEMA, *Salvos Pela Graça*, 2011, p. 68, 232.

terra, no céu ele continua sua atividade profética, sacerdotal e real, foi justificado e glorificado à destra de Deus. Ele é o Senhor vivo do céu. Essa atividade é distinta da que realizou sobre a terra, embora esteja muito estreitamente relacionada com ela⁴⁹.

Para Berkhof a aplicação feita pelo Espírito tem as suas raízes na obra redentora de Jesus Cristo. Cristo mesmo indica a íntima conexão quando disse que o Espírito da verdade guiaria o seu povo a toda a verdade, anunciando a Palavra de Cristo, glorificando a Cristo (Jo 16.13, 14)⁵⁰. Hoekema afirma que a obra salvífica de Cristo não tem nenhum valor até que tenha sido aplicada ao coração e à vida, pelo Espírito Santo. O Espírito Santo é quem une os cristãos verdadeiros a Cristo. O Espírito Santo é chamado de o Espírito do Senhor (2Co 3.17), o Espírito de Cristo (Rm 8.9; 1Pe 1.11)⁵¹.

O apóstolo Paulo também ensinou que Deus salva os crentes, não por causa da justiça dos seus atos, mas pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tt 3.5); ele assegurou aos gálatas que viviam pelo Espírito (Gl 5.25); Jesus mesmo disse aos seus discípulos que o Espírito vivifica (Jo 6.23); e que o Espírito Santo vive nos cristãos, como aquele que aplica a redenção aos seus corações e na sua vida, (Jo 14.17; Rm 8.9; 1Co 3.16; 2Tm 1.14)⁵².

Ao aplicar a Obra da Salvação nos crentes, esses são selados pelo Espírito Santo e guardados pelo poder de Deus (2Co 1.22; Ef.1.13; 4.30). Recebendo o Espírito Santo, os crentes se tornam participantes de um novo modo de existência associado com a era futura. Hoekema destacou que o Espírito é a primícia (Rm 8.23) e o depósito ou caução (2Co 5.5; Ef 1.14) de bênçãos futuras, o selo de garantia de que são propriedade de Deus (2Co 1.22) e a garantia de filiação em seres adotados por Deus (Rm 8.15-16), a completa riqueza daquilo que não será revelado até que Cristo venha outra vez (Rm 8.23)⁵³.

Hendriksen escreveu que o selo possuía três funções: garantir o caráter autêntico de um documento; marcar uma propriedade; e proteger contra a violação e dano⁵⁴. Wiersbe destacou ainda, quatro aspectos da selagem pelo Espírito, como: o selo

⁴⁹ BAVINK, **O Pecado e a Salvação em Cristo**. 2012, p. 576, 578.

⁵⁰ BERKHOF, **Teologia Sistemática**. 1990, p. 392.

⁵¹ HOEKEMA, **Salvos Pela Graça**, 2011, p. 17.

⁵² Ibid., p. 40.

⁵³ Ibid., p. 22.

⁵⁴ HENDRICKSEN, **Comentário do Novo Testamento**, 2001, p. 116.

como uma transação comercial consumada; direito de posse; segurança; e proteção e autenticidade⁵⁵.

Quanto à transação comercial consumada, quando documentos legais importantes eram tramitados, recebiam um selo oficial para indicar a conclusão da transação. Jesus consumou sua obra de redenção na cruz. Ele comprou os eleitos com seu sangue, que são propriedade exclusiva dele, e são selados como garantia dessa transação final⁵⁶. O selo como um direito de posse, no mundo antigo, representava o símbolo pessoal do proprietário ou do remetente de alguma coisa importante, e, por isso, tal como numa carta, distinguia o que era verdadeiro do que era espúrio, tinha a garantia de que o objeto selado havia sido transportado intacto⁵⁷. O selo como uma marca de posse e de autenticidade, era muito comum entre o gado e até mesmo os escravos, que eram marcados com um selo por seus donos a fim de indicar a quem pertenciam⁵⁸. O selo como sinal de segurança e proteção, pode ser exemplificado no selo romano sobre a tumba de Jesus, com a garantia de que ele não seria violado (Mt 27.62-66). E o selo também fala de autenticidade, bem como a assinatura do dono, atestando a genuinidade de um documento⁵⁹.

No Antigo Testamento, em Isaías 32.15, o escritor bíblico fala sobre o derramar do Espírito lá do alto. Ridderbos afirmou que o Espírito mencionado nesse versículo, é o Espírito de Deus, em face da adição 'lá do alto'⁶⁰. Champlin também escreveu, argumentando essa passagem que Isaías descreveu o tempo da bênção futura sobre a terra e sobre o povo de Israel⁶¹.

Em Joel 2.28, o escritor bíblico escreveu sobre o derramamento do Espírito Santo sobre o povo de Deus. David Hubbard escreveu que o mesmo Espírito agia na criação produzindo ordem a partir do caos (Gn 1.2); que deu forças a Sansão para que matasse um leão (Jz 14.6) agia no meio do povo de Deus⁶².

⁵⁵ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Vol. 6. São Paulo, SP, Geográfica, 2015, p. 14,15.

⁵⁶ LOPES, **Efésios**, 2009, p. 30.

⁵⁷ FOULKES, **Efésios**, 1989, p. 48.

⁵⁸ STOTT, John R W. **A Mensagem de Efésios: a Nova Sociedade de Deus**. São Paulo, SP: ABU Editora, 2001, p. 26.

⁵⁹ LOPES, **Efésios**, 2009, p. 31.

⁶⁰ RIDDERBOS, J. **Isaías: Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986, p. 259.

⁶¹ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo: Isaías**. Vol. 5. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, p. 2884.

⁶² HUBBARD, David Allan. **Joel e Amós: Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1996, p. 78,79.

O Novo Testamento, de acordo com Hoekema, ensina que ser selado com o Espírito Santo significa eterna segurança. Assim como ninguém pode arrebatá-los os verdadeiros crentes da mão de Cristo ou da mão do Pai, ninguém pode também quebrar o selo do Espírito⁶³. Selado significa assegurado. Quando aplicado aos crentes, o selo é uma marca de propriedade. Com isso, o Espírito dá a segurança de salvação aos crentes⁶⁴.

O Espírito Santo é o penhor da herança (Ef 1.15). Calvino afirmou que o símbolo de penhor só termina quando ambas as partes tiverem cumprido o combinado, por isso os eleitos aguardam até o dia da plena redenção, quando estiverem na eternidade com Cristo, mas enquanto viverem nesse mundo necessitam de um penhor⁶⁵. Esse penhor é a garantia, que representa a primeira parcela de um pagamento, a garantia de que um pagamento integral seria efetuado. O Espírito Santo garante aos filhos de Deus que ele terminará a sua boa obra nos seus filhos, levando-os para a glória (Rm 8.18-23; 1Jo 3.1-3). A palavra garantia também tem o sentido de anel de noivado, de compromisso⁶⁶, é a garantia de que a promessa de fidelidade será guardada⁶⁷. Assim, a garantia concedida pelo Espírito Santo é a comprovação da glória por vir, glória que não será manifestada apenas na morte, quando a alma e o corpo se separarem, mas também e especialmente na segunda vinda de Cristo, na grande consumação de todas as coisas⁶⁸.

Hoekema também compartilhou que se os cristãos tem o Espírito neles, tem a segurança de que o futuro de glória, que é a herança em Cristo, um dia será deles, e nada poderá tirar essa herança. O Espírito deu seu selo de propriedade e pôs um depósito no coração dos crentes (2Co 1.22); Deus, que está preparando para eles um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus, outorgou aos eleitos o penhor do Espírito (2Co 5.1)⁶⁹.

Quanto à segurança da redenção em Cristo, o Espírito Santo exerce no âmago do coração e da vida dos filhos de Deus uma constante, eficaz e benéfica influência, capacitando-os a cada vez mais esmagar o poder do pecado residente e andar na vereda dos mandamentos de Deus, de maneira livre e alegre. O Espírito Santo testifica juntamente com a consciência regenerada, exercendo influência direta nela (Rm

⁶³ HOEKEMA, *Salvos Pela Graça*, 2011, p. 234.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 41, 42.

⁶⁵ CALVINO, João. *Comentário de Efésios*. São Paulo: Edições Parakletos, 1998, p. 37, 38.

⁶⁶ FOULKES, *Efésios*, 1989, p. 49.

⁶⁷ LOPES, *Efésios*, 2009, p. 32.

⁶⁸ HENDRICKSEN, *Comentário do Novo Testamento*, 2001, p. 117.

⁶⁹ HOEKEMA, *Salvos Pela Graça*, 2011, p. 43.

8.16). Para Hendriksen, essa influência do Espírito é constante, corretiva, controla, não é sufocante e nem repressiva, mas sim ajudadora e incentivadora. Quando o Espírito Santo age no filho de Deus, a responsabilidade e atividade do mesmo não são canceladas nem reprimidas⁷⁰. Calvino destacou que a intenção do apóstolo Paulo é que o Espírito de Deus comunica seu testemunho ao espírito do eleito, sobre adoção divina, trazendo segurança. O Espírito testifica que os eleitos são filhos de Deus, e ao mesmo tempo imprime esta confiança em seus corações, para que possam invocar a Deus como seu Pai, “Aba Pai”⁷¹.

Hoekema destacou que o tempo verbal da palavra grega traduzida como "testifica" (*symmartyrei*) é presente, indicando continuidade. E ele concluiu que esse testemunho do Espírito não é apenas uma ocorrência ocasional ou algo que acontece de uma vez por todas, mas continua ao longo da vida do crente⁷². O Espírito continuamente testifica com o espírito dos eleitos, que esses são filhos de Deus. Esse é um testemunho que prossegue pela vida, que opera pela Palavra, que vem por meio de diversos tipos de experiência e provações⁷³.

Concluindo esta primeira parte, conforme foi observado, a Trindade está inteiramente envolvida na certeza da salvação do crente, assegurando que, ainda que o crente tenha a certeza da sua salvação abalada, jamais perderá a sua salvação. Deus escolheu os verdadeiros crentes, antes mesmo que houvesse mundo, Deus é quem dá ao Filho, os verdadeiros crentes, que jamais se perderão das suas (Jo. 10. 28,29). Hendriksen afirmou que:

“O que o Pai deu ao Filho permanece propriedade do Pai (e é agora propriedade de ambos). Esse presente, então, sendo mais excelente [...] do que todas as outras criaturas, não pode nunca perecer. Verdadeiros crentes nunca se perdem. Eles são objeto do cuidado muito especial de Deus, que repousa em seu amor que predestina. [...] (as ovelhas) ninguém pode arrebatá-las (das mãos de Jesus). [...] Nem Satanás, nem o falso profeta esperto, nem o perseguidor poderoso, nem ninguém mais, em tempo algum, poderá arrebatá-las da mão do Pai!”⁷⁴.

Logo, esse benefício que os verdadeiros crentes recebem de e em Cristo, não pode ser perdido, pois estão seguros nas mãos dele, e nada pode arrancá-los.

⁷⁰ HENDRICKSEN, **Comentário do Novo Testamento**, 2001, p. 341, 342.

⁷¹ CALVINO, João. **Comentário de Romanos**. São Paulo: Edições Parakletos, 2001, p. 288.

⁷² HOEKEMA, **Salvos Pela Graça**, 2011, p. 41, 42.

⁷³ *Ibid.*, p. 152.

⁷⁴ HENDRICKSEN, William. **O Evangelho de João**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004, p. 479, 480.

Portanto, os crentes perseveram na certeza da salvação, apenas pelo poder de Deus que os capacita, pois a segurança do crente é inseparável da sua perseverança. E Jesus Cristo, que realizou a obra da salvação, afirmou que, aquele que perseverar até o fim, esse será salvo (Mt 10.22). E assim, o Espírito Santo age na aplicação e segurança da salvação, por isso a obra do Espírito não pode nem por um instante ser separada da obra de Cristo. Os crentes devem cultivar maior segurança e orar para que possam discernir com maior clareza o testemunho confirmador do Espírito de que são filhos de Deus.

No próximo capítulo será tratado quanto à base histórica da doutrina da certeza da salvação, com alguns reformadores, com os puritanos, com a Confissão de Fé de Westminster, e como a história contribuiu para a melhor compreensão acerca da segurança redentora.

2. O DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA, COMO A TEOLOGIA REFORMADA COMPREENDE ESSE ASSUNTO NA HISTÓRIA.

Após uma compreensão quanto à fundamentação Bíblica, de como a Trindade está envolvida no processo e na certeza da salvação, é importante destacar o desenvolvimento da Doutrina da Certeza da Salvação ao longo da História. Para isso, o autor do presente trabalho se propõe a apresentar um breve panorama histórico desta doutrina, na igreja primitiva e medieval de forma sucinta, com alguns reformadores, abordando a Confissão de Fé de Westminster paralela a outras Confissões Reformadas.

2.1. IGREJA PRIMITIVA E MEDIEVAL

A segurança da fé, ou a certeza da salvação tem sido explicada de diversas maneiras ao longo da História da Igreja. Joel Beeke argumentou que na igreja primitiva, a teologia da certeza da salvação não foi muito abordada, pois a ênfase nos primeiros séculos recaiu sobre as áreas controversas quanto à pessoa e a obra de Cristo⁷⁵.

O teólogo Agostinho de Hipona (354-430), a despeito de sua extensa reflexão teológica, não formulou uma doutrina de segurança pessoal, mesmo ele enfatizando a graça de Deus como base para a salvação⁷⁶.

Algumas objeções foram levantadas quanto a essa doutrina. Beeke escreveu que a igreja Católica, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), defendia que a segurança da salvação era possível apenas em casos raros por meio de algo extraordinário, uma revelação especial reservada para mártires ou ascéticos eminentes. Já o crente “comum”, ainda que maduro na fé, não podia estar certo da sua salvação, a não ser ter a probabilidade de uma firme esperança na ajuda divina⁷⁷. Ainda que fosse possível esta segurança para o crente, ela não seria desejada, as dúvidas protegeriam o crente de uma confiança excessiva em si mesmo. O Concílio de Trento confirmou que a certeza da salvação não poderia ser mantida como uma doutrina teológica. O resultado dessa decisão fez com que os indivíduos se sentissem dependentes da igreja, como um meio exclusivo de Deus para a graça divina. Diante dessa controvérsia, essa situação se

⁷⁵ BEEKE, A Busca da Plena Segurança: o Legado de Calvino e Seus Sucessores. Recife-PE: Os Puritanos, 2003, p. 27.

⁷⁶ Ibid., p. 28.

⁷⁷ Ibid., p. 33,34.

tornou importante para a reação da parte dos reformadores protestantes em apoio a Escritura e numa busca pela segurança da salvação⁷⁸.

2.2. ALGUNS REFORMADORES

2.2.1. Martinho Lutero

Martinho Lutero (1483 – 1546), antes da sua conversão, tentou sem sucesso encontrar segurança de fé por meio da igreja, até que finalmente, encontrou graça de Deus em Cristo. A sua abordagem quanto à fé e a segurança centrada em Cristo, surgiu como fruto da sua experiência pessoal com Deus, em compreender a obra de Cristo, a sua encarnação, crucificação e ressurreição. Lutero se tornou o instrumento de Deus para libertar a igreja do século XVI de uma negação sistemática da segurança da salvação⁷⁹. Lutero ainda escreveu que, se o crente duvidar da graça de Deus e não crer que Deus se agrada dos seus filhos por causa de Cristo, esse estará negando que Cristo o redimiu, questionando claramente todos os seus benefícios⁸⁰. Para Lutero, entender as Escrituras e concordar com ela de coração, eram sinônimos de confiança nela⁸¹. A segurança da salvação era parte integral da fé salvadora, e a falta da mesma era incompatível com o fato de ser um autêntico cristão⁸².

2.2.2. Huldrych Zuínglio

Na Suíça, Huldrych Zuínglio (1484 – 1531) repetiu e ampliou a doutrina da segurança pessoal de salvação defendida por Lutero⁸³. Zuínglio baseou fé e segurança na eleição soberana de Deus e na obra de Cristo, no cumprimento da graça. A fé não era simplesmente um ato de confiança, mas sim a segurança de eleição e de salvação em Cristo, a paz e segurança pelo mérito de Cristo, assegurada pela graciosa promessa da Palavra de Deus mediante Cristo Jesus, sem qualquer mérito do crente ou de sua fé⁸⁴.

Zuínglio ainda deu grande ênfase na impossibilidade de separação entre a eleição e as promessas de Deus e de Cristo, da fé e da segurança, da doutrina da providência divina⁸⁵, que estão ininterruptamente unidos pela graça, que provê o

⁷⁸ Ibid., p. 34,35.

⁷⁹ Ibid., p. 39-41.

⁸⁰ PFÜRTNER, Stephan H.; 1964, apud BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 41.

⁸¹ BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 41, 42.

⁸² LUTERO apud. BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 41, 42.

⁸³ BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 49.

⁸⁴ Ibid., p. 50.

⁸⁵ Ibid., p. 51.

fundamento e a substancia sobre a fé que funciona como sinal e testemunho da eleição do crente⁸⁶.

2.2.3. João Calvino

Para João Calvino (1509 - 1564), a fé envolvia segurança pessoal e subjetiva. Ele afirmou que pode se obter uma definição perfeita de fé, ao afirmar que ela é o firme e seguro conhecimento da bondade de Deus, fundado sobre a veracidade das suas promessas graciosamente feitas em Cristo, revelada e selada no coração do crente, mediante o Espírito Santo⁸⁷. Conforme o Evangelho apresenta, Deus reconciliou o seu povo consigo mesmo, logo, todas as coisas concorrem para o bem de cada cristão, sem perigo algum. A fé é assegurada pelo amor de Deus, juntamente com as promessas da vida presente e da futura, e a firme segurança de todos os bens. A fé não promete vida longa e nem grandes honras ou riquezas abundantes na presente vida, por mais que falte as coisas necessárias para esta vida, Deus nunca faltará. Pois a principal segurança da fé está na esperança da vida eterna, que é proposta na Palavra de Deus sem deixar lugar a nenhuma dúvida⁸⁸.

2.3.OS PURITANOS E A SEGURANÇA

Os puritanos tiveram grande proeminência quanto à doutrina da Certeza da Salvação. Joel Beeke trouxe um breve panorama do pensamento puritano sobre a segurança da salvação, sobretudo na década de 1640, antes da Assembleia de Westminster.

Conforme Beeke, os puritanos ensinavam que a fé salvadora deveria ser diferenciada da segurança. A segurança da salvação deveria ser vista como fruto da fé, em vez de essência da fé. Eles não negavam a possibilidade de segurança, pois todos os crentes possuem segurança em algumas ocasiões. Todos os filhos de Deus, em alguma medida, tem segurança, mesmo que nem todos os crentes a tenham da mesma forma. A segurança para os puritanos era acompanhada de uma fé madura e consciente⁸⁹.

No pensamento puritano o crente chega a ter segurança mediante a obra do Espírito Santo, baseada no pacto da graça e na obra salvadora de Cristo, que por sua vez

⁸⁶ Ibid., p. 53.

⁸⁷ CALVINO, João. **As institutas ou tratado da religião cristã**. Vol. 3. São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 31.

⁸⁸ CALVINO, João. **As institutas: Edição Especial para Estudo e Pesquisa**. Vol. 02. São Paulo, SP: Editora Cultura Crista, 2002, p. 21.

⁸⁹ Ibid., p. 155.

é baseada no propósito e amor de Deus na eleição eterna. Essa segurança flui como resultado da aliança de Deus firmada com o seu povo, no seu decreto e promessas, da certeza de que Deus jamais deserdrá seus filhos adotivos. E ainda que a segurança da salvação não seja completa nesta vida, ela deve ser buscada pelos meios de graça, diligentemente, ainda que surja dúvidas e tentações⁹⁰.

2.4.A ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER

Neste contexto, conforme escreveu Alexander A. Hodge, em 12 de junho de 1643, o parlamento inglês sancionou um decreto, convocando os lordes e comuns do mesmo para uma assembleia de teólogos e outros, para serem consultados para o estabelecimento do Governo e Liturgia da Igreja da Inglaterra e purificação da Doutrina da Igreja⁹¹. John M. Kyle, comentou que a primeira sessão desta assembleia aconteceu semanas depois, em 1 de julho de 1643, na Abadia de Westminster, em Londres, reunindo 121 teólogos. As sessões terminaram apenas em fevereiro de 1649. A Confissão e os Catecismos foram discutidos pontualmente, aproveitando-se do que já estava escrito nas melhores Confissões já formuladas. A CFW⁹² foi a última das confissões formuladas durante o período da Reforma⁹³.

Os teólogos da assembleia eram versados no tema da segurança. Joel Beeke destaca alguns membros da assembleia que escreveram tratados sobre as doutrinas da fé e da segurança, dentre eles está Anthony Burgess⁹⁴.

2.5. ANTHONY BURGUESS E A DEFINIÇÃO DA CERTEZA

Anthony Burgess foi um dos escritores mais enfáticos da Assembleia de Westminster, quanto à abrangente doutrina da certeza da fé⁹⁵. Conhecido pelo seu discernimento e piedade teológica, ele deixou algumas obras que contribuem para uma melhor compreensão acerca da doutrina da certeza da salvação⁹⁶.

Para Burgess, a certeza é conhecida por seus frutos, e com ela o crente passa a ter anseio na busca pelo Senhor, uma vida de plena comunhão e uma relação

⁹⁰ Ibid., p. 158, 161.

⁹¹ HODGE, **Confissão de Fé Westminster**, 1999, p. 43.

⁹² Confissão de Fé de Westminster.

⁹³ Assembleia de Westminster. **Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001, p. 5-12.

⁹⁴ BEEKE, **A busca da Plena Segurança**, 2003, p. 155.

⁹⁵ BEEKE, Joel, R. **Espiritualidade Reformada**. São Jose dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014, p. 229.

⁹⁶ Ibid., p. 233.

afetuosa e filial com Deus. A certeza não é algo inerente a cada crente, mas é aplicada pelo Espírito Santo, que age no crente mediante Cristo. Ela não leva o cristão a confiar na retidão pessoal ou no próprio esforço para a justificação, mas é centrada em Deus, oposta da autossatisfação, necessária para o cristão que busca honrar a Deus em uma época de grande secularização e apostasia. A certeza se entrelaça com a obra do Espírito Santo, é inseparável das marcas e passos da graça, toca a essência da soberania divina e da responsabilidade humana, é intimamente ligada com a Santa Escritura. A certeza da salvação flui da eleição, das promessas de Deus e da aliança da graça, é fortificada pela pregação, os sacramentos e a oração. Quando a certeza é dinâmica, faz-se presente uma preocupação pela honra de Deus e o progresso do seu reino, e munidos dessa certeza, os crentes visualizam o céu como seu ar, suspiram pela volta de Cristo e a eternidade com Ele⁹⁷.

2.6.A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER – DA CERTEZA DA SALVAÇÃO

Sinclair Ferguson e Joel Beeke fizeram uma compilação⁹⁸ de alguns escritos a respeito da certeza da Salvação, e incluíram: a Confissão Belga; o Catecismo de Heidelberg⁹⁹; a Segunda Confissão Helvética¹⁰⁰, os Cânones de Dort¹⁰¹, e os escritos de Westminster: o Breve Catecismo e o Catecismo Maior¹⁰², e a Confissão de Fé de Westminster.

⁹⁷ Ibid., p. 230, 231.

⁹⁸ BEEKE, Joel, R; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das Confissões Reformadas**. São Paulo, SP: Cultura Crista, 2006.

⁹⁹ Preparado por Ursino e Oleviano, em 1562 d.C., estabelecido por autoridade civil, o padrão doutrinal quanto instrumento da instrução religiosa das igrejas do Palatinado, Estado Germânico daquele tempo, incluindo ambos os lados do Reno. Esse catecismo foi endossado pelo Sínodo de Dort, e é a Confissão de Fé das igrejas reformadas da Alemanha e Holanda e das igrejas reformadas alemãs e holandesas na América. HODGE, **Confissão de Fé Westminster**, 1999, p. 31.

¹⁰⁰ Foi preparada por Bullinger, em 1564 d.C.. Foi adotada por todas as igrejas reformadas da Suíça [...] e as igrejas reformadas da Polônia, Hungria, Escócia e França, e foi sempre considerada como uma das mais elevada autoridade por todas as igrejas reformadas. HODGE, **Confissão de Fé Westminster**, 1999, p. 30, 31.

¹⁰¹ O Sínodo de Dort se reuniu em Dort, na Holanda, sob a autoridade dos Estados Gerais, com o propósito de aclarar as questões levadas em controvérsia pelos discípulos de Armínio. Ele manteve suas sessões de 13 de novembro de 1618 d.C., a 9 de maio de 1619 d.C. constituiu de pastores, presbíteros e professores de teologia das igrejas da Holanda, bem como de deputados das igrejas da Inglaterra, Escócia, Jesse, Bremen, do Palatinado e Suécia... Os cânones desse Sínodo foram recebidos por todas as igrejas reformadas como uma genuína, acurada e eminente autorizativa exibição do sistema calvinista de teologia. HODGE, **Confissão de Fé Westminster**, 1999, p. 31.

¹⁰² John Owen produziu o Catecismo Breve e o Maior, para ajudar na instrução doméstica. O Breve Catecismo contém 32 perguntas, planejado para instruir crianças; e o Catecismo Maior contém 142 questões para adultos. BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 222.

A Confissão de Fé de Westminster, no seu capítulo XVIII faz quatro afirmações quanto a “Certeza da Graça e da Salvação”, ela apresenta: 1) a certeza; 2) o fundamento da certeza; 3) o cultivo da certeza; 4) e a renovação da certeza, quando abalada.

2.6.1. A certeza

Nessa primeira seção a CFW descreve que:

“Ainda que os hipócritas e os demais não-regenerados possam iludir-se vãmente com falsas esperanças e carnal presunção de se acharem no favor de Deus e em estado de salvação, esperança essa que perecerá, contudo os que verdadeiramente creem no Senhor Jesus e o amam com sinceridade, procurando andar diante dele em toda a boa consciência, podem, nesta vida, certificar-se de se acharem em estado de graça; e podem regozijar-se na esperança da glória de Deus, essa esperança que jamais os envergonhará”¹⁰³.

2.6.1.1. A falsa certeza

Para o teólogo Anthony Burgess, a ilusão do indivíduo é muito dolorosa, de pensar que é salvo, de se deixar persuadir de que é um eleito e que se encontra em um estado de graça, quando na verdade, nada mais é senão um estado de pecado e morte¹⁰⁴. A verdadeira certeza e a falsa certeza são muito diferentes. A falsa certeza é motivada pelo amor próprio, egoísta, e por uma crença eterna no evangelho sem qualquer compreensão profunda do pecado¹⁰⁵.

Chad Van Dixhoorn, comentando esta primeira seção, escreveu que:

“Tragicamente, há pessoas que irão “iludir-se, em vão, com falsas esperanças”. Elas muitas vezes começam sua jornada em uma estrada bem marcada com pegadas [...] até que, um dia, longe do ponto inicial, as “falsas esperanças” deles começam a diminuir. Por fim, a confiança deles colocada no lugar errado se prede, e o vazio da religião deles fica exposto. [...] Aqueles que simplesmente presumiram ou fingiram que tudo estava bem descobrem que, antes de mais nada, eles nunca estiveram atados à Palavra de Deus”¹⁰⁶.

¹⁰³ ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER. **Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011, p. 139, 140.

¹⁰⁴ BURGUESS, Anthony, 1654, apud BEEKE, **Espiritualidade Reformada**, 2014, p. 236.

¹⁰⁵ Ibid., p. 236.

¹⁰⁶ DIXHOORN, **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**, 2017, p. 240.

2.6.1.2.A verdadeira certeza

Os Cânones de Dort, no seu artigo 12¹⁰⁷, descreve que aquele que desde antes da criação do mundo foi eleito para a vida eterna, em determinado momento da vida, esse crente passa a ter a certeza da sua eleição e salvação, que não é recebida por mera especulação, mas sim quando tem realizada em seus corações a obra do Espírito Santo, cujo fruto desta operação é o pesar pelo pecado e uma vida piedosa.

Chad Van Dixhoorn também afirmou que o Deus Trino¹⁰⁸ é quem concede a certeza aos verdadeiros crentes, seus filhos, que são comprados com o sangue de Jesus e selados pelo seu Santo Espírito. Quando essas boas novas penetraram em suas mentes e corações, esses são levados e guiados a Deus em oração e adoração, e sendo mais ávidos por se encontrarem com Deus e com os seus outros filhos no último dia¹⁰⁹.

“Os cristãos realmente podem saber que eles são cristãos. Há pessoas que “verdadeiramente creem no Senhor Jesus”, que “o amam com sinceridade” e que podem não conseguir, mas pelo menos se esforçam “procurando andar diante dele em toda a boa consciência”. Essas pessoas devem saber que elas são cristãs”¹¹⁰.

2.6.1.3. A falta de consciência da verdadeira

Por outro lado, o cristão pode continuar sem ter a segurança plena da salvação. Contudo, a segurança é necessária para a saúde espiritual, ela aumenta o regozijo da fé, mas não é de forma alguma necessária para a salvação, pois é somente a fé, mediante Cristo, pela graça de Deus, que salva. A segurança é o usufruto consciente dessa salvação justificadora¹¹¹.

2.6.2. O Fundamento da certeza

A CFW, na sua segunda seção descreve que:

“Esta certeza não é uma simples persuasão conjectural e provável, fundada numa falsa esperança, mas uma segurança infalível da fé, fundada na divina verdade das promessas de salvação, na evidência interior daquelas graças nas

¹⁰⁷ Os eleitos recebem no devido tempo, a certeza da sua eterna e imutável eleição para a salvação, ainda que em vários graus e em medidas diferentes. Eles não a recebem quando curiosamente investigam os mistérios e profundezas de Deus, mas quando observam em si mesmos, com alegria, espiritual e gozo santo, os infalíveis frutos de eleição indicados na Palavra de Deus, tais como uma fé verdadeira em Cristo um temor filial para com Deus, uma piedosa tristeza por seus pecados contra a vontade de Deus e fome e sede de justiça. BBEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 122.

¹⁰⁸ Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

¹⁰⁹ DIXHOORN, Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster, 2017, p. 243.

¹¹⁰ Ibid., p. 241.

¹¹¹ BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p.167.

quais essas promessas são feitas, no testemunho do Espírito de adoção que testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus, sendo esse Espírito o penhor de nossa herança, e por meio de quem somos selados para o dia da redenção”¹¹².

No Catecismo de Heidelberg, na sua primeira pergunta¹¹³, o autor descreveu que o único conforto existente na vida e na morte, se dá no fato do Espírito Santo ser aquele que garante a vida eterna, como o selo sobre o cristão, como aquele que aplica a obra de Cristo na vida do crente, dispondo-o a viver em santidade.

2.6.2.1. As promessas divinas em Cristo

O crente não obtém segurança olhando para si mesmo ou para qualquer outra coisa que produza segurança fora das promessas de Deus, mas olhando para a fidelidade de Deus em Cristo. Beeke escreveu que toda esperança e salvação repousam sobre as graciosas promessas de Deus, porque essas promessas são da verdade divina e absoluta, falada pelo Deus que não pode mentir. O cristão encontra sua firme ancora da segurança no caráter divino das promessas de Deus em Cristo¹¹⁴.

A pessoa de Cristo revelada nas promessas de Deus é central na segurança pessoal, pois o próprio Senhor Jesus é a suma, a fonte, o tesouro de todas as promessas¹¹⁵. À medida que essa segurança cresce, as promessas de Deus se tornam pessoal e experimentalmente mais reais para o crente. As promessas de Deus são a base primaria e final da segurança, mediante uma fé viva¹¹⁶.

Os Cânones de Dort, no seu artigo 10¹¹⁷, mostra que a certeza é produzida fundamentada na Palavra de Deus, onde Deus revelou abundantemente as suas promessas para o consolo do crente, de que eles obterão a vitória, a garantia da vida eterna. Se fossem privados desse consolo proveniente da promessa, seriam os mais infelizes e miseráveis.

¹¹² ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, **Confissão de Fé de Westminster**, 2011, p. 141.

¹¹³ Qual o seu único conforto na vida e na morte? Resposta [...] Pelo seu Espírito Santo ele também me garante a vida eterna, tornando-me sinceramente disposto e pronto a viver para ele daqui em diante. BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 122.

¹¹⁴ BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 170.

¹¹⁵ Ibid., p. 172.

¹¹⁶ Ibid., p. 173.

¹¹⁷ E essa certeza, entretanto, não é produzida por qualquer revelação especial contraria ou independente da Palavra de Deus, mas vem da fé nas promessas de Deus que ele revelou abundantemente na sua Palavra para nossa consolação; do testemunho do Espírito Santo, que testifica ao nosso espírito que somos filhos e herdeiros de Deus (Rm 8.16); e, finalmente, vem de um zelo sério e santo por uma boa consciência e por boas obras. E se os eleitos fossem privados dessa sólida consolação de que eles obterão a vitória e essa garantia da glória eterna, seriam os mais miseráveis de todos os homens (Rm 8.16,170). BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 124.

Hodge, comentando sobre este ponto, afirmou que:

“Esta segurança infalível da fé repousa: sobre a verdade divina das promessas da salvação. Ainda que uma coisa é ter certeza de que a promessa é verdadeira, e outra coisa é ter certeza de nosso próprio interesse pessoal nela, contudo a certeza da veracidade da promessa tende, em conexão com o senso de nossa confiança pessoal nela, a fortalecer diretamente nossa segura esperança de que ela será cumprida também em nosso caso. Portando Deus confirmou sua promessa por meio de um juramento: “Para que por duas coisas imutáveis” (sua promessa e seu juramento), “ nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos uma poderosa consolação, nós, os que corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta”. Hb 6.18. Por conseguinte, a fé inclui confiança. A confiança repousa sobre a divina verdade das promessas e sucessivamente apoia a esperança; e a plenitude da esperança equivale a certeza”¹¹⁸.

2.6.2.2. *Evidências interiores da salvação*

A certeza está fundada na verdade de Deus, nas suas promessas acerca da salvação. Essa esperança é depois confirmada pela “evidência interior daquelas graças nas quais essas promessas são feitas”¹¹⁹. A certeza descansa: sobre a evidência interna daquelas graças em relação às quais as promessas são feitas¹²⁰.

Beeke escreveu que os puritanos criam que tudo o que Cristo fez no exterior do crente, tem início no seu interior, pois a graça de Deus no interior do crente confirma a realidade da fé¹²¹. Essas evidências internas eram verificadas por meio de silogismos: silogismo prático e silogismo místico¹²².

No silogismo prático somente aquele que realmente é salvo, ‘recebe’ o testemunho do Espírito e a sua vida manifesta os frutos desse testemunho, em santificação e boas obras no viver diário.

No silogismo místico, baseado nos exercícios internos do crente e no seu progresso em santificação, aqueles que possuem a fé salvadora ‘experimentam’ a confirmação do Espírito quanto à graça e piedade interiores. E mediante essa experiência da evidência interna, o crente não pode negar que tem experimentado o testemunho do Espírito Santo, confirmando a graça e a piedade interiores. Logo, a conclusão que se chega é que o crente tem e é participante, da fé salvífica¹²³.

¹¹⁸ HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, 1999, p. 326.

¹¹⁹ DIXHOORN, *Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster*, 2017, p. 242.

¹²⁰ HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, 1999, p. 326.

¹²¹ BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 2003, p. 177, 178.

¹²² *Ibid.*, p.179, 180.

¹²³ BEEKE, *Espiritualidade Reformada*, 2014, p. 243.

Vale ressaltar que o silogismo não dá lugar para qualquer mérito humano baseado na santificação, na fé, na experiência ou em obras. Richard Mitchell Hawkes destacou que o silogismo, é antes, a maneira de o cristão descobrir a graça imerecida de Cristo operando nele¹²⁴. Os teólogos de Westminster, de acordo com Paul Helm, estavam alertas quanto ao perigo de substituir Cristo pelas obras ou pelas graças cristãs¹²⁵.

2.6.2.3. O testemunho do Espírito Santo

O testemunho do Espírito e a evidência da graça perfazem um só testemunho completo, e, portanto, não devem ser dissociados, muito menos deixados de lado¹²⁶.

Para Burgess e os teólogos de Westminster, a base da fé nas promessas de Deus, as evidências internas da graça compreendidas através de silogismos, e a confirmação do Espírito, devem ser buscadas pelo crente, para se obter a certeza, o quanto for possível. O crente realmente não pode confiar nas promessas sem o auxílio do Espírito Santo, e nem olhar para si sem a iluminação do Espírito¹²⁷. O testemunho do Espírito Santo se refere exclusivamente à sua ação, levando a consciência do crente a se unir ao testemunho dele de que é filho de Deus¹²⁸.

Sem a aplicação do Espírito, o indivíduo pode afirmar ser guiado pelas promessas de Deus, quando na verdade está sendo conduzido a uma vida infrutífera de auto ilusão. Sem a iluminação do Espírito, o autoexame tende a introspecção, servidão e legalismo. O testemunho do Espírito, divorciado das promessas de Deus e das evidências bíblicas internas, pode levar ao misticismo antibíblico e ao emocionalismo excessivo¹²⁹.

2.6.3. O cultivo da certeza

Terceiro, a CFW mostra quanto à certeza que:

“Esta segurança infalível não pertence de tal modo à essência da fé, que um verdadeiro crente, antes de possuí-la, não tenha de esperar muito e lutar com muitas dificuldades; contudo, sendo pelo Espírito habilitado ao conhecer as coisas que lhe são livremente dadas por Deus, ele pode obtê-la sem revelação extraordinária, no devido uso dos meios ordinários. É, pois, dever de cada um

¹²⁴ HAWKES, Richard Mitchell, 1990, apud BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 187.

¹²⁵ HELM, Paul, 1982, apud BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 2003, p. 187.

¹²⁶ BURGUESS, Anthony, 1654, apud BEEKE, **Espiritualidade Reformada**, 2014, p. 249.

¹²⁷ BEEKE, **Espiritualidade Reformada**, 2014, p. 251.

¹²⁸ Ibid., p. 192.

¹²⁹ Ibid., p. 252.

ser diligente em tornar certas sua vocação e eleição, a fim de que, por esse modo, seja o seu coração, no Espírito Santo, confirmado em paz e deleite, em amor e gratidão para com Deus, no vigor e alegria, nos deveres da obediência, que são os frutos próprios desta segurança. Esse privilégio está, pois, muito longe de predispor os homens à negligência”¹³⁰.

2.6.3.1. A relação da fé com a segurança

A menor fagulha de fé é tão válida quanto à segurança madura, em termos de salvação¹³¹. Rutherford argumentou que se a segurança madura fosse requerida, para a salvação, ninguém seria justificado e salvo, senão o crente forte, embora Cristo tenha morrido pelo fraco na fé¹³².

Por outro lado, “esta infalível segurança não provém da essência da fé; que, ao contrário, uma pessoa pode ser realmente crente e, contudo ser destituída desta segurança”¹³³.

2.6.3.2. O tempo na maturação da fé

Os Cânones de Dort, no artigo 9¹³⁴, mostra que o verdadeiro cristão pode obter a certeza da sua salvação, na medida que a sua fé cresce e é amadurecida. Neste aspecto, Deus pode usar dúvidas, conflitos e tribulações para amadurecer o crente na fé, pois a segurança não vem no momento em que esse crê, mas aos poucos, à medida que Deus considera necessária, segundo a provação que preparou para o cristão¹³⁵. Deus é soberano, ele pode plantar a fé e a segurança ao mesmo tempo, a fim de que as dúvidas do crente sobre a salvação diminuam à medida que ele cresça em graça¹³⁶.

2.6.3.3. Os meios de obtenção da segurança

A meditação na Palavra de Deus, a perseverança na oração e a participação nos sacramentos e nos cultos e nas demais atividades comunitárias da igreja, são os meios que Deus utiliza para aumentar a segurança da redenção em Cristo¹³⁷. A palavra e os sacramentos devem ser acompanhados pela oração, pois quanto mais se busca o favor

¹³⁰ ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, *Confissão de Fé de Westminster*, 2011, p. 142, 143.

¹³¹ BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 199.

¹³² RUTHERFORD, Samuel, 1655, apud BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 202, 200.

¹³³ HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, 1999, p. 329.

¹³⁴ Dessa perseverança dos eleitos para a salvação e da perseverança na fé, os verdadeiros crentes, por si mesmos, podem e obtêm certeza de acordo com a medida a sua fé, pela qual eles chegam a certa persuasão de que eles continuarão para sempre membros vivos e verdadeiros, da igreja, e que eles sentem que tiveram os pecados perdoados e que, no final, herdarão a vida eterna. BEEKE; FERGUSON, *Harmonia das Confissões Reformadas*, 2006, p. 124.

¹³⁵ BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 202, 203.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 202.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 204.

de Deus em fervente oração, mais Deus assegurara ao cristão a certeza da sua salvação. O crente não deve esperar uma revelação extraordinária para obter segurança, mas deve ser constante no uso desses meios, andando em boa consciência diante de Deus. A segurança assim buscada será assegurada por Deus em variados níveis¹³⁸. Para Dixhoorn:

“É pelo Espírito e por meio dos recursos da graça que Deus nos permite “confirma a vocação e eleição” (2Pe 1.10). Através desses meios é que os nossos corações podem crescer em “paz e alegria no Espírito Santo”, [...] “em amor e gratidão a Deus, [...] “e em firmeza e alegria nos deveres que obediência a Deus exige””¹³⁹.

2.6.3.4. O fruto da segurança

O Breve Catecismo, na pergunta 36¹⁴⁰, aponta a certeza do amor de Deus, da paz e alegria no Espírito Santo, como um fruto, um benefício da segurança da salvação. A segurança gera frutos, produz uma vida marcada pelo amor e gratidão a Deus, pela paz, alegria, força e obediência no dever, e também distancia o crente da vida indiferente em relação a Deus¹⁴¹.

No Catecismo Maior, na pergunta 80¹⁴², é descrito que os verdadeiros cristãos, que andam perante Cristo, de maneira reta, podem ter a certeza infalível de que estão em graça e perseverarão até o fim.

Algumas pessoas e algumas tradições se preocupam que se o cristão tiver certeza da sua salvação, ele viverá de forma descuidada, em pecado, para que a graça seja mais abundante. De forma alguma isso é possível para os verdadeiros discípulos de Cristo (Rm 6.1,2), pois os filhos de Deus ficam mais fortes e mais dispostos em sua obediência quando eles se regozijam no amor de seu Pai. Quando a graça de Deus é

¹³⁸ Ibid., 1982, p. 206.

¹³⁹ DIXHOORN, **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster**, 2017, p. 244, 245.

¹⁴⁰ Quais são os benefícios que nesta vida acompanham a justificação, a adoção e a santificação ou delas procedem? Resposta: Os benefícios que nesta vida acompanham a justificação, a adoção e a santificação, ou delas procedem, são: a certeza do amor de Deus, a paz de consciência, a alegria no Espírito Santo, o aumento da graça e a perseverança nela até o fim. BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 123.

¹⁴¹ BEEKE, **A Busca da Plena Segurança**, 1982, p. 208.

¹⁴² Os crentes verdadeiros poderão ter certeza infalível de que estão no estado da graça e de que nesse estado perseverarão até a salvação? Resposta: Aqueles que verdadeiramente creem em Cristo e se esforçam para andar perante ele com toda boa consciência, podem, sem uma revelação extraordinária, pela fé baseada na verdade das promessas de Deus, e pelo Espírito que os habilita a discernir em si mesmos aquelas graças as quais as promessas de vida são feitas, e que testificam com o seu espírito, que eles são filhos de Deus, ter a certeza infalível de que estão no estado de graça e de que nesse estado perseverarão até a salvação BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 123.

manifestada, ela os educa para que reneguem as paixões mundanas e vivam de forma sensata, piedosa e justa¹⁴³.

2.6.4. A renovação da certeza

E quarto, essa certeza pode ser abalada e com isso os crentes se enfraquecerem, mas jamais fiquem privados da semente da fé, que pode ser restaurada pelo Espírito Santo.

“Os verdadeiros crentes podem ter, de diversas maneiras, a segurança da sua salvação abalada, diminuída e interrompida – negligenciando a conservação dela, caindo em algum pecado especial que fira a consciência e entristeça o Espírito Santo, cedendo a fortes e repentinas tentações, retirando Deus a luz de seu rosto e permitindo que andem em trevas e não tenham luz mesmo os que o temem; contudo, eles nunca ficam inteiramente privados daquela semente de Deus e da vida da fé, daquele amor a Cristo e aos irmãos, daquela sinceridade de coração e consciência do dever; daí, a certeza da salvação poderá, no tempo próprio, ser restaurada pela operação do Espírito e por meio dessas bênçãos eles são suportados para não caírem em total desespero”¹⁴⁴.

2.6.4.1. A segurança perdida

Às vezes os crentes se debatem espiritualmente porque foram lentos demais em fazer o que é bom, sucumbindo ao que é mal. É então que descobrem a sua consciência ferida, profundamente perturbada¹⁴⁵.

As razões para a perda de segurança são encontradas primariamente no crente, e podem incluir a sua negligência na perseverança da segurança mediante seu mal exercício, queda em algum pecado ou em repentinas tentações¹⁴⁶.

De acordo com Beeke, Burgess afirmou que a perda da segurança pode ser causada por vários motivos, como: o sentimento profundo de culpa, e por causa disso a segurança diminuir, pois o crente tem a tendência de olhar para Deus como o executor da vingança, ao invés de perdoador; Satanás odeia a segurança e faz de tudo para manter no crente dúvidas e temores; e por fim a hipocrisia do coração e o descuido com a própria vida do crente¹⁴⁷. Quando a segurança é apenas aparente e superficial, é bom que dúvidas e temores incitem desejos de segurança, pois os crentes passam a clamar por arrependimento e por atos de fé que possam renovar essa segurança¹⁴⁸.

¹⁴³ DIXHOORN, *Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster*, 2017, p. 245.

¹⁴⁴ ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, *Confissão de Fé de Westminster*, 2011, p. 145.

¹⁴⁵ DIXHOORN, *Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster*, 2017, p. 247.

¹⁴⁶ BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 210.

¹⁴⁷ BURGUESS, Anthony, 1654, apud BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 210.

¹⁴⁸ BEEKE, *A Busca da Plena Segurança*, 1982, p. 211.

Os Cânones de Dort, no artigo 11¹⁴⁹, mostra que os crentes têm de lutar contra várias dúvidas e que nem sempre sentem plenamente essa confiança da fé e certeza da perseverança, mas o Espírito Santo revive neles a consoladora certeza da perseverança. E essa renovada confiança não é pretexto para negligência, mas deve torná-los mais cuidadosos e diligentes quanto a se manterem nos caminhos do Senhor¹⁵⁰.

O Catecismo Maior, na pergunta 81¹⁵¹, descreve que os crentes podem esperar algum tempo até obter essa segurança da salvação, e mesmo depois de obtê-la, podem senti-la enfraquecida diante das difíceis circunstâncias da vida. Contudo, Deus jamais os abandonará.

Para Dixhoorn:

“Pode ser normal se ter certeza que uma pessoa é cristã, mas a pessoa pode ser cristã e sem ter certeza. De fato, “um verdadeiro crente”, pode ter “de esperar muito e lutar com muitas dificuldades”, antes de ter certeza da graça e do favor de Deus”¹⁵².

2.6.4.2. O reavivamento da segurança

A segurança da salvação é reavivada da mesma forma que foi obtida da primeira vez. Isso implica no fato dos crentes reverem sua vida, confessar sua apostasia e se lançarem sobre o Deus e sobre suas graciosas promessas em Cristo. O cristão deve usar diligentemente os meios de graça, buscar santidade e ser vigilante, pois a conversão

¹⁴⁹ Além do mais, as Escrituras testificam que os crentes nesta vida têm de lutar contra várias dúvidas da carne, e que, quando sujeitos a graves tentações, nem sempre sentem plenamente essa confiança da fé e certeza da perseverança. Mas Deus, que é Pai, de toda a consolação, não os deixa ser tentados além de suas forças, mas com a atenção proverá também o livramento, de modo que eles possam suportá-la (1Co 10.13), e pelo Espírito Santo novamente revive neles a consoladora certeza da perseverança. BEEKE; FERGUSON. **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 124.

¹⁵⁰ Cânones de Dort, art. 13 - A renovada confiança de perseverar não produz licenciosidade ou negligência na piedade naqueles que estão se recuperando de uma apostasia, mas isso os torna mais cuidadosos e diligentes quanto a se manterem nos caminhos do Senhor, que ele já preparou, para que, ao andarem neles, eles possam preservar a certeza da perseverança, para que não abusem de sua gentileza paternal e Deus tire delas sua graciosa face, a contemplação da qual é para o piedoso mais preciosa do que a vida, e a retirada dela é mais amarga do que a morte, e eles, em consequência disso caíam em maiores tormentos da consciência. BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 124.

¹⁵¹ Todos os crentes tem sempre a certeza de que estão no estado da graça e de que serão salvos? Resposta: com a certeza da graça e da salvação não é de essência da fé, os verdadeiros crentes podem esperar muito tempo antes de conseguí-la; e depois de gozar dela, eles poderão senti-la enfraquecida e interrompida por muitas perturbações, pecados, tentações e deserções; contudo, eles nunca são deixados sem a presença e o apoio do Espírito de Deus, que os guarda, de caírem em desespero absoluto. BEEKE; FERGUSON, **Harmonia das Confissões Reformadas**, 2006, p. 123.

¹⁵² DIXHOORN, **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster**, 2017, p. 244.

operada pelo Espírito é um processo que dura a vida inteira, o que faz com que o crente morra para a própria vida e viva a segurança pela proximidade de Cristo¹⁵³.

O eleito nunca é deixado sem o Espírito, a semente de Deus é plantada em seu coração. Ele nunca estará tão morto ao ponto de não haver vida da fé, nenhum amor por Cristo e pelos irmãos, nenhuma sinceridade de coração ou consciência acerca de obrigação cristã¹⁵⁴.

As declarações do capítulo XVIII da CFW, tem o objetivo de levar a igreja a certificar sua vocação e eleição, mediante Cristo Jesus, e a operação do Espírito santo aplicando a obra de Cristo nos crentes. Também, de motivar o crente a crescer na graça e solucionar debates reformados contemporâneos, bem como invalidar argumentos católico-romanos e arminianos relativos à segurança¹⁵⁵. No próximo capítulo, será abordada, uma contribuição para o melhor entendimento da responsabilidade cristã diante da certeza da salvação, abordando alguns fatores que abalam a segurança e o caminho e maturidade dessa certeza.

¹⁵³ BEEKE, A Busca da Plena Segurança, 1982, p. 219.

¹⁵⁴ DIXHOORN, Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster, 2017, p. 248.

¹⁵⁵ BEEKE, A Busca da Plena Segurança, 1982, p. 220.

3. APLICAÇÃO PASTORAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O MELHOR ENTENDIMENTO DA RESPONSABILIDADE DO CRENTE DIANTE DA CERTEZA DA SALVAÇÃO

Muitos cristãos são movidos pelas circunstâncias quando o assunto é a plena e assegurada salvação delas em Cristo, e os fatores que contribuem para o abalo da certeza ou a falta dela, podem ser diversos. Neste capítulo, o autor se propõe a apresentar algumas questões que podem contribuir para o abalo, da certeza da salvação que o crente deve ter, sejam elas internas ou externas; mostrar alguns meios que o Senhor Deus usa para que o crente obtenha a segurança da sua fé e o amadurecimento progressivo da certeza da redenção, ressaltando a responsabilidade do crente diante da certeza da salvação.

3.1.FATORES QUE ABALAM A CERTEZA

3.1.1. A ansiedade

Um motivo que tem abalado a certeza de muitos cristãos é a ansiedade. Garry Collins traz uma definição da ansiedade, e de acordo com ele, ela é uma sensação interna de insegurança, de preocupação, de apreensão, de inquietação que é acompanhada por uma elevada excitação física. Ela pode ser desde moderada, até neurótica quando envolve sensações extremamente exageradas de impotência e terror, mesmo quando o perigo é mínimo ou inexistente¹⁵⁶. A ansiedade pode ser causada por vários motivos, como ameaça, conflito, medo, carências, características fisiológicas e diferenças individuais¹⁵⁷. Jocelyn Wallace também afirma, que ela é um estado de apreensão intensa, incerteza e medo, que resulta da antecipação de um evento ou situação ameaçadora. Ao enfrentar a ansiedade, a pessoa se sente abatida, onde tudo se pareça pesado, opressivo, incompreensível e incontrolável¹⁵⁸.

A ansiedade pode abalar a certeza da salvação porque ela está em contraposição com a confiança depositada em Deus. Ralph Martin afirmou que é ela indica falta de confiança na proteção e cuidado de Deus, pelo seu povo¹⁵⁹. Para Hernandes Dias Lopes, a ansiedade é o resultado de olharmos para os problemas em vez

¹⁵⁶ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo, SP: Vida nova, 2004, p. 90.

¹⁵⁷ Ibid., p. 93.

¹⁵⁸ WALLACE, Jocelyn. **Ataques de Ansiedade e Pânico: Confiando em Deus Quando Você Tem Medo**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, p. 17, 22, 23.

¹⁵⁹ MARTIN, Ralph P. **Filipenses: Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985, p. 170.

de olharmos para Deus, resultado de relacionamentos quebrados, de uma exagerada preocupação com as coisas materiais. A consequência disso é que a ansiedade produz uma sufocação, rouba as forças do crente e é uma eloquente voz da incredulidade¹⁶⁰.

Jesus colocou tudo isso em perspectiva no Sermão do Monte (Mt 6.25-34). Em Mt 6.33, em contraste com a ansiedade, que leva o indivíduo a focar nas coisas que ainda nem aconteceram e que podem acontecer ou não, o Senhor Jesus ensina que o crente deve, antes de tudo, buscar o reino de Deus e a sua justiça. Conforme Collins, Deus conhece todas as necessidades do crente e se o Senhor ocupar o primeiro lugar na vida dele, esse pode descansar seguro de que será suprido, em todas as suas necessidades¹⁶¹.

Quando o cristão está sobrecarregado com a ansiedade, de acordo com Wallace, ele faz o contrário de descansar, ele se preocupa e tenta descobrir como assumir o controle porque não confia em Deus. Contudo, em Cristo há lugar seguro, e quando o crente crê em Jesus, torna-se um filho muito amado de Deus, e todas as promessas na Bíblia sobre como Deus cuida de seus filhos, se torna suas promessas também. A maior cura para a ansiedade é aprender a confiar em Deus¹⁶².

3.1.2. A solidão

Outro fator que pode contribuir para o abalo da segurança da salvação é a solidão. Collins afirma que a solidão envolve uma sensação de vazio interior, isolamento e anseio profundo, e mesmo que a pessoa esteja cercada de outras pessoas, ela ainda se sente rejeitada ou incompreendida, experimentando sentimentos de tristeza, desânimo, inquietação e ansiedade¹⁶³.

A solidão pode abalar a certeza da salvação porque ela está em contraposição com a comunhão dos santos e a comunhão com Deus. O crente não é chamado por Deus para viver isoladamente, mas para fazer parte do povo de Deus, e as Escrituras falam da necessidade do cristão de se relacionar com Deus e também com os seres humanos, em amar, encorajar, perdoar e cuidar uns dos outros (Jo 13.34; Cl 3.13,1-15; Ef 5.21; 2Pe 2.9).

¹⁶⁰ LOPES, Hernandes dias. **Filipenses: a Alegria Triunfante no Meio das Provas**. São Paulo, SP: Hagnos, 2007, p. 229-231.

¹⁶¹ COLLINS, **Aconselhamento Cristão**, 2004, p. 103.

¹⁶² WALLACE, **Ataques de Ansiedade e Pânico**, 2018, p. 23, 24.

¹⁶³ COLLINS, **Aconselhamento Cristão**, 2004, p. 107.

A base de qualquer solução para o problema da solidão é um relacionamento cada vez mais profundo com Deus e com os outros seres humanos¹⁶⁴.

3.1.3. A dúvida e a incredulidade

Há ainda outro fator, a dúvida, que tem abalado a segurança da redenção de muitos cristãos, levando-os a incertezas e a incredulidade. Perguntas como: *“posso ter a certeza da salvação, se sim, como? Posso perder a salvação? Como ter certeza em meio às incertezas da vida? como ter certeza da minha salvação, se tenho dúvidas de que sou salvo? E se eu morrer ‘antes do tempo’, serei salvo?”*, permeiam o coração de muitos cristãos, causando turbulência, dor e sofrimento. Por outro lado, o esfriamento espiritual e a indiferença, têm cauterizado consciência de muitos crentes, que já não se importam muito, com uma vida cristã piedosa.

Taylor traz uma definição quanto à incredulidade e a dúvida. A dúvida mostra a limitação do ser humano e do seu conhecimento, e ela pode aparecer na busca pela verdade, quando ainda não se chegou a uma conclusão.

“A dúvida, em seu sentido mais amplo, significa a suspensão temporária do juízo. É o método utilizado quando se busca a verdade quando ela ainda não chegou a uma conclusão. [...] A fé é a cura da dúvida”¹⁶⁵.

A incredulidade de maneira muito mais intensa e intencional; demonstra uma dúvida insistente, uma negação de algo em que não se quer crer, desobediência, desconfiança, falta de fé.

Taylor, escrevendo sobre a incredulidade, afirmou que:

“A incredulidade é a resistência moral para os comandos e as promessas de Deus, e da falta de confiança neles. Essa resistência decorre de um coração mau (Hb 3.12). Você se recusa a acreditar que os mandamentos de Deus são válidas e que ele pode executar o que ele prometeu. Então descrença vai além da mera dúvida e questionar o como e o porquê das leis divinas. Recusa de acreditar e confiar torna culpado aos olhos dos autores bíblicos. A incredulidade é tanto uma atitude intelectual e moral para com Deus, da verdade e da realidade. [...] A incredulidade é a falta de vontade de acreditar, e exerce uma influência decisiva no comportamento. Aquele que rejeita as implicações da fé também negou o conteúdo da fé. Confiar ou confiar em uma pessoa ou proposição envolve a demanda e compromisso com essa pessoa ou proposição. O incrédulo não está disposto a fazer isso. Portanto, a fé é a atitude correta e bíblica para com Deus e a incredulidade é o oposto.”¹⁶⁶.

¹⁶⁴ Ibid., p. 109.

¹⁶⁵ TAYLOR, **Dicionário Beacon Teológico**, 1994, p. 279.

¹⁶⁶ Ibid., p. 418.

E como um exemplo de incredulidade, muitos israelitas não puderam entrar na terra prometida (Hb 3.19).

Steve Brown escreveu que, com frequência, o cristão que tem dificuldade com a garantia da sua salvação esta tendo dificuldade com sentimentos versus fatos. Ele pode não se sentir como um cristão, não sentir alegria ou não “sentir a presença de Deus”, mas se ele crê em Cristo para a salvação, então o fato é que a salvação dele esta segura e certa. A fé cristã se baseia em fatos¹⁶⁷.

E mesmo se baseando em fatos e não sentimentos, segundo João Calvino, a fé é assaltada por variadas dúvidas, de tal maneira que quase sempre a mente do cristão não tem sossego. A fé deve ser certa e segura, mas não se pode imaginar alguma certeza inatingível por dúvidas, ou uma segurança que não possa ser abalada por alguma inquietude. Os fiéis têm conflito com sua própria desconfiança, porém a segurança nutre e protege a fé, pois o Senhor é proteção e auxílio na tribulação e por isso o crente não deve temer, mesmo em meio às dificuldades (Sl 46.1-3)¹⁶⁸.

Se a dúvida se misturar com a certeza no coração, a fé continua sendo um claro e seguro conhecimento da vontade de Deus. Ainda que a certeza seja abalada e diversas cogitações distraiam o crente, ele não é separado da fé. Se for abalado e sacudido pela incredulidade, não decorre que ele seja lançado ao abismo da mesma. O fim dessa batalha é sempre tal que a fé supera essas dificuldades. O que ocorre é que, como sempre, a fé é assediada pelas dificuldades¹⁶⁹.

Contudo, em decorrência da dúvida que se prolonga, surge a incredulidade, pois o próprio coração é por natureza propenso à incredulidade¹⁷⁰. E quando a incredulidade está tão profundamente arraigada e apegada ao coração, deixa de existir um esforço, onde o próprio cristão já não se persuade daquilo que confessa com a boca: que Deus é fiel. Com isso, a insegurança leva à tona a falha que já estava em seu coração, à incredulidade¹⁷¹. Calvino chega a afirmar que a fonte e raiz de todos os erros e maldades é a incredulidade, pois nisso está o começo dos passos pelos quais o homem renuncia e abandona a Deus e daí decorre todas as transgressões da sua vontade¹⁷².

¹⁶⁷ BROWN, Stephen W. **Fé e Dúvida: Quando é Difícil Crer**. São José dos Campos, SP: Fiel 2022, p. 23, 25, 29.

¹⁶⁸ CALVINO, **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, 1989, p. 41,62.

¹⁶⁹ CALVINO, **As institutas**, 2002, p.14,15.

¹⁷⁰ Ibid., p. 16.

¹⁷¹ Ibid., p. 39

¹⁷² Ibid., p. 288.

3.1.4. O Sofrimento

Um terceiro motivo que pode abalar a segurança da salvação é o sofrimento. O sofrimento abala a certeza da salvação, porque pode levar o indivíduo a um mergulho profundo em si mesmo, em sua dor, em sua tristeza, e ali ele se torna inerte, incapaz de elevar os seus olhos para Deus.

Os fatores que abaladores da segurança, de alguma forma causam sofrimentos na vida daquele que tem a certeza da sua redenção em Jesus, abalada. Jay Adams afirmou que o sofrimento é universal porque a queda e seus efeitos são universais. Todo sofrimento deve ser associado ao pecado de Adão, que era o representante da humanidade e se ele não tivesse pecado, não haveria sofrimento algum. O sofrimento é resultado da maldição de Deus sobre Adão e sua posteridade, mas isto não significa que um sofrimento individual seja necessariamente resultado do pecado pessoal de cada indivíduo. Nem toda dor é ruim, pois mesmo sofrimentos de todos os tipos, podem ser transformados em meio de graça para ajudar o crente a crescer espiritualmente¹⁷³.

Adams ainda ressaltou que o sofrimento às vezes vem para propagar a Palavra de Deus e para o progresso do evangelho, ou vem simplesmente para honrar a Deus. O sofrimento ainda pode ser uma forma de punição, com a intenção de purificar, ou pode ser instrutivo, encorajando o cristão a buscar as Escrituras¹⁷⁴. Um grande propósito do sofrimento é o crescimento através das provações, e aqueles que podem lidar com isso, que são aprovados e crescem em conhecimento, são os que esperam tais coisas¹⁷⁵. Taylor argumentou que Deus pode escolher meios, permitindo que os justos sofram por razões redentoras. Este é o significado de “tomar a Cruz e seguir a Jesus” para os cristãos.

“O plano e o propósito de Deus incluem várias explicações por que as pessoas sofrem. Satanás e seus exércitos causam algum sofrimento, mas Satanás é limitado pela vontade soberana de Deus (Jó 1.12; 2.6). O verdadeiro sofrimento é disciplinar; Deus usa as aflições para educar aqueles que precisam aprender (Jó 35.11, 36.10)”¹⁷⁶.

O apóstolo Pedro escreveu na sua carta, em 1Pe 3.17, que é melhor sofrer por praticar o que é bom do que o que é mal. Diante disso, Warren W. Wiersbe

¹⁷³ ADAMS, *Teologia do Aconselhamento Cristão*, 2016, p. 367, 369.

¹⁷⁴ Ibid., p. 371.

¹⁷⁵ Ibid., p. 372.

¹⁷⁶ TAYLOR, *Dicionário Beacon Teológico*, 1994, p. 766, 767.

argumentou que o sofrimento do cristão não deve ser decorrente de praticar o que é mau, e nenhum cristão deve se surpreender ao sofrer por praticar o que é bom. Nosso mundo está tão confuso que as pessoas “fazem da escuridão luz e da luz, escuridão”¹⁷⁷.

3.1.5. As provações

Muitos são os fatores que podem testar a segurança redentora do cristão em Cristo Jesus, e é por isso, de acordo Lloyd-Jones, que o cristão precisa entender que ele pode se encontrar numa posição em que a sua fé vai ser provada¹⁷⁸. Segundo Jones Marques, a fé existe como a antítese a ansiedade (Mt 6.30,31), da dúvida (Mt 21.21) e do temor (Mc 4.40), todavia os cristãos que tem fé ainda experimentam essa tríade de lutas na vida. Por isso, as dificuldades não anulam a fé, mas realçam a fraqueza do crente¹⁷⁹.

Lloyd-Jones afirmou que as tempestades e provações são permitidas por Deus, para provar a fé, e Tiago escreveu que o crente precisa ter alegria ao passar por essas provações (Tg 1.2). Deus permite tempestades, dificuldades, permite que os ventos soprem e o mar se enfureça e que tudo pareça estar dando errado e que o crente esteja em perigo. O fato de Deus permitir essas coisas, e que muitas vezes parece até indiferente a respeito, realmente constitui a prova da fé¹⁸⁰.

Segundo Douglas J. Moo, as provações são uma prova, através da qual Deus opera para aperfeiçoar a fé. O sofrimento é o meio através do qual a fé, testada no fogo da adversidade, pode ser purificada e então fortalecida. Logo, as provações não podem determinar se uma pessoa tem fé ou não, mas ela fortalece a fé que já existe¹⁸¹.

Vale ressaltar que provação é diferente de tentação. Geerhardus Vos escreveu que:

“Há uma diferença entre provação e tentação; [...] A diferença consiste nisto: por trás da provação existe um desígnio bom, enquanto que por trás da tentação existe um desígnio mau [...]. É necessário manter Deus isento de tentar alguém com um intento maligno, é claro [cf. Tg 1.13]. Contudo, é importante também insistir que a provação é uma parte integral do plano divino com relação à humanidade”¹⁸².

¹⁷⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Vol. 2. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006, p. 532.

¹⁷⁸ JONES, **Depressão Espiritual**, 1987, p. 121.

¹⁷⁹ MARK, **Fé, Esperança e Amor**, 2018, p. 87.

¹⁸⁰ JONES, **Depressão Espiritual**, 1987, p. 123.

¹⁸¹ MOO, Douglas J.. **Tiago: Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990, p. 59, 60.

¹⁸² VOS, **Teologia Bíblica**, 2010, p. 50.

Além de testar, Jones Marques destaca que Deus envia provações à vida do crente para alimentar a sua fé, e isso coopera para o seu bem. A promessa mencionada por Paulo em Rm 8.28, de “que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”, surge no contexto da vida de sofrimento¹⁸³. As aflições na vida do crente podem ser usadas, para ensiná-lo, torná-lo mais santo conforme Cristo, aproximá-lo de Deus para aumentar a sua felicidade, silenciar as acusações dos ímpios e prepará-lo para a glória¹⁸⁴.

Calvino mostrou que pode existir um conflito no coração piedoso, uma vez que, em parte, é inundado de dulçor diante do reconhecimento da bondade divina e em parte é sufocado pelo amargor diante de sua calamidade; em parte reclina-se na promessa do evangelho e em parte se inflama pelo seu pecado; em parte exulta com a expectativa da vida, e em parte se apavora com a morte¹⁸⁵. O coração piedoso pode ser cheio de conflitos, que abalam a certeza da sua redenção em Jesus.

Entretanto, independente das calamidades e misérias que sobrevenham aos que Deus uma vez acolheu em seu amor, não podem impedir que a singular benevolência de Deus seja plena felicidade para eles: os cristãos¹⁸⁶.

3.1.6. O pecado

Todas as questões vistas até aqui, de alguma forma são consequências do pecado. O pecado gera ansiedade, solidão, dúvidas e incredulidade e em alguns casos, a depressão. O pecado não confessado e abandonado abala a alegria da salvação. Isso pode ser observado no Sl 32 e 51, quando o salmista Davi confessa a Deus o seu pecado e clama pelo perdão do Senhor, todavia, ele revela que enquanto não confessava o seu pecado, enquanto calou o seu pecado, o seu corpo adoeceu (Sl 32.3), ao ponto de perder a alegria da sua salvação (Sl 51.12).

3.2.O CAMINHO E A MATURIDADE DA CERTEZA

Mediante os fatores que podem abalar a segurança da salvação, o cristão precisa ter em mente que o Senhor é soberano, faz com que todas as coisas cooperem

¹⁸³ MARK, **Fé, Esperança e Amor**, 2018, p. 105.

¹⁸⁴ Ibid., p. 106.

¹⁸⁵ CALVINO, **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, 1989, p. 43.

¹⁸⁶ CALVINO, **As institutas**, 2002, p. 21.

para o bem daqueles que o ama em resposta ao seu amor (Rm 8.28; 1Jo 4.19), e proporciona meios para que os seus filhos tenham a segurança de sua salvação. Quanto mais o cristão compreender as promessas de Deus, a natureza da fé e utilizar dos meios de graça, mais seguro ele pode estar da certeza da sua redenção em Cristo Jesus. Contudo, sobre o crente está a responsabilidade de se aproximar de Deus, em obediência e temor, desenvolvendo a maturidade cristã.

3.2.1. A natureza da fé

Primeiramente, pode ser destacada a fé. De acordo com Hb 11.1, fé é “a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não veem”. Wadislau Gomes escreveu que a palavra fé, tem o sentido de persuasão, crença, geralmente implicando conhecimento, assentimento e confiança, especialmente em relação ao evangelho de Cristo. Todos esses sentidos se aplicam a perspectiva de um aconselhamento redentivo, seu significado no contexto da doutrina da salvação¹⁸⁷.

Já para Calvino, a fé é o seguro e firme conhecimento da bondade divina, fundado sobre a veracidade da promessa graciosa feita em Cristo, revelada e selada no coração do crente mediante o Espírito Santo. É ainda um conhecimento certo e seguro, que não se contenta com opinião indecisa e mutável, assim tampouco com uma noção obscura e confusa. Pelo contrário, requer certeza plena e fixa, como costuma ser em se tratando de coisas experimentadas e comprovadas¹⁸⁸.

Lloyd-Jones destacou que a fé não é algo que atua automaticamente de forma mágica e nem uma questão de emoções apenas, mas inclui o homem integral, incluindo sua mente, seu intelecto e seu entendimento¹⁸⁹. Ela não promete longevidade, nem honra e nem riquezas, mas é a certeza de que por mais que falem muitas coisas que dizem respeito ao sustento desta vida, Deus, no entanto, jamais haverá de faltar¹⁹⁰.

3.2.2. Os meios de graça como instrumento para a obtenção da certeza

Mark ressaltou que a crise de segurança que aflige muitos membros do povo de Deus pode ser curada pela Palavra de Deus¹⁹¹. Através dos meios de graça, que são quaisquer atividades na comunhão da igreja que Deus usa para distribuir mais graça ao

¹⁸⁷ GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo, SP: Cultura Crista, 2004, p. 61.

¹⁸⁸ CALVINO, **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, 1989, p. 31, 39.

¹⁸⁹ JONES, **Depressão Espiritual**, 1987, p. 123,124.

¹⁹⁰ CALVINO, **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, 1989, p. 52.

¹⁹¹ MARK, **Fé, Esperança e Amor**, 2018, p. 87.

seu povo¹⁹², cada cristão pode ter a sua segurança fortalecida e enraizada plenamente em Cristo. Dentre esses meios de graça, estão:

3.2.2.1.A Palavra de Deus

Wayne Grudem afirmou que o ensino e a pregação da Palavra de Deus, dispensam a sua graça aos crentes, pois esse é o instrumento de Deus para lhes conceder vida espiritual e levá-las a salvação. A Palavra de Deus é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16); ela tem poder para edificar (At 20.32); ela dá esperança aos desesperados, pois a Palavra foi escrita para que pela paciência e consolação das Escrituras, os crentes tenham esperança (Rm 15.4)¹⁹³.

Jones ressalta a importância da pregação da Palavra de Deus, que o Senhor mesmo designou como um meio de santificar o seu povo. É por isso que no culto, deve haver leitura, pregação, cânticos e a oração da Palavra¹⁹⁴.

3.2.2.2.Os sacramentos

Além da Palavra, Deus concedeu os sacramentos, o batismo e a ceia do Senhor, para fortalecer a fé¹⁹⁵. Os sacramentos contêm promessas que são firmes fundamentos em que o crente, ao utilizar a Palavra e os sacramentos, se tornará sábio, será confirmado na fé, fortalecido na graça, será revigorado com alegria e consolo e aperfeiçoado para a alegria eterna¹⁹⁶.

O batismo, de acordo com Grudem, é um símbolo físico da morte e ressurreição de Cristo e da nossa participação nelas. Quando há fé genuína por parte da pessoa batizada, e a fé da igreja é estimulada e incentivada pela cerimonia, então o Espírito Santo certamente age por meio do batismo, que se transforma assim num meio de graça pelo qual o Espírito Santo dispensa bênçãos a pessoa batizada e também a igreja¹⁹⁷.

A Ceia do Senhor é mais que uma simples refeição compartilhada por seres humanos, é comunhão com Cristo, na sua presença e a sua mesa. Quando o filho de Deus obedece ao mandamento de Jesus (tomai e comei – Mt.26.26), recordando da sua obra redentora e executamos come e bebe junto a mesa do Senhor, essa ação retrará uma

¹⁹² GRUDEM, *Teologia Sistemática*, 1999, p. 801.

¹⁹³ Ibid., p. 803.

¹⁹⁴ MARK, *Fé, Esperança e Amor*, 2018, p. 86.

¹⁹⁵ Ibid., p. 87.

¹⁹⁶ Ibid., p. 87.

¹⁹⁷ GRUDEM, *Teologia Sistemática*, 1999, p. 804, 805.

correspondente nutrição espiritual, nutrição da alma que ocorre quando o crente participa com obediência e fé¹⁹⁸.

3.2.2.3.A oração

Deus designou a oração como outro meio para fortalecer a fé, mas falar com Deus em oração requer fé (Hb 11.6). Jones Mark ressalta que nada na vida crista é tão difícil quanto a oração, e o diabo sabe muito bem disso. Ele fará todo o possível para impedir o crente de orar e assim ficar longe de Deus e dos meios que ele usa para a santificação¹⁹⁹. Satanás ataca os filhos de Deus com o objetivo de fazê-los abandonar a Deus e a fé, em especial mediante a negligência da Palavra e da oração²⁰⁰.

Para Grudem, se a oração da igreja é uma genuína expressão do coração e reflexo da fé autêntica, é de se esperar que o Espírito Santo opere grandes graças por meio dela. A oração feita no Espírito Santo implica comunhão com o ele. Quanto mais a autêntica comunhão de uma igreja cresce, mais deve haver continua oração uns pelos outros dentro da igreja, e mais se podem esperar genuínas bênçãos espirituais do Espírito Santo²⁰¹.

3.2.2.4.A disciplina

Grudem citou mais um meio de graça que Deus pode utilizar para fortalecer a segurança redentora, a disciplina. Ela é um meio pelo qual se estimula a pureza da igreja e a santidade de vida, e por isso, deve ser considerada também como meio de graça. Quando a igreja disciplina, aquele que está em pecado recebe bem espiritual quando o Espírito Santo o convence do seu pecado e provoca uma tristeza segundo Deus, produzindo arrependimento para a salvação (2Co 7.10). É por isso que a igreja deve executar a disciplina sabendo que ela se faz na presença do Senhor (1Co 5.4)²⁰².

Jay Adams afirmou que a disciplina não é um processo no qual Deus se livra de pessoas problemáticas na igreja, como muitas pessoas pensam, mas sim trazer as pessoas de volta ao Senhor e promover condições de reconciliação²⁰³.

Com a disciplina, grandes bênçãos podem ser derramadas sobre a igreja, como a reconciliação dos crentes entre si e com Deus, fazendo o faltoso voltar a

¹⁹⁸ Ibid., p. 805.

¹⁹⁹ MARK, **Fé, Esperança e Amor**, 2018, p. 87.

²⁰⁰ Ibid., p. 101.

²⁰¹ GRUDEM, **Teologia Sistemática**, 1999, p. 806.

²⁰² Ibid., p. 807.

²⁰³ ADAMS, **Teologia do Aconselhamento Cristão**, 2016, p. 390.

obediência, exortando todos a que tenham a Deus (1tm 5.20), aumentando a pureza moral da igreja e promovendo a glória de Cristo²⁰⁴.

Dixhoorn afirmou que, se faltar ao crente à certeza da sua salvação, ele deve se apegar nesses meios de graça como instrumento para a obtenção e fortalecimento da certeza. Escrevendo para um crente, ele disse que:

“Se você é um cristão professo a quem falta a certeza de sua salvação, preste atenção à pregação da Palavra e busque ao Senhor em oração. Permaneça na igreja e faça uso prelo dos sacramentos “e assim, habite Cristo no [seu] coração, pela fé”. Somente então você estará arraigado e alicerçado em amor. Somente então você poderá “compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento”²⁰⁵.

3.2.3. O conhecimento

Nos meios utilizados por Deus para fortalecer a certeza da salvação do crente, não estão isentos a ação e responsabilidade do cristão de buscá-los. O cristão precisa buscar conhecer mais e mais a Deus e a sua Palavra.

Contudo, nessa busca, não basta simplesmente conhecer a Deus, pois qualquer um pode conhecer sobre Deus, porém conhecer sobre Deus não é suficiente. J. I. Packer afirma que conhecer a Deus é uma questão pessoal, pois Deus é Deus que se relaciona e que se envolve graciosamente:

“Conhecer a Deus é uma questão pessoal, como acontece com qualquer relacionamento humano. Conhece-lo é mais que obter conhecimento sobre ele; é relacionar-se com ele enquanto se revela a você; é ser dirigido por ele à medida que toma conhecimento de você. Conhece-lo é uma pré-condição para confiar nele, mas a extensão de nosso conhecimento a seu respeito não pode servir de medida para a profundidade desse conhecimento. [...] Segundo, conhecer a Deus é uma questão de envolvimento pessoal que abrange a mente, a vontade e os sentimentos [...]” Em terceiro lugar, *conhecer a Deus é uma questão de graça*. Trata-se de um relacionamento cuja iniciativa pertence completamente a Deus”²⁰⁶.

Logo, só podemos chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus mediante Cristo Jesus:

“Chegamos ao conhecimento de Deus mediante Jesus Cristo, o Senhor, graças à cruz e a sua mediação, confiados nas promessas de sua palavra, pelo poder do Espírito Santo, por meio do exercício pessoal da fé. [...] Um

²⁰⁴ GRUDEM, *Teologia Sistemática*, 1999, p. 807.

²⁰⁵ DIXHOORN, *Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster*, 2017, p. 244.

²⁰⁶ PACKER, J. I. *O Conhecimento de Deus*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1996, p. 46-48.

pequeno conhecimento de Deus vale bem mais que um grande conhecimento a respeito dele”²⁰⁷.

Muitos podem até conhecer *sobre* Deus, mas o conhecimento *de* Deus, só é possível mediante Cristo. Para Packer, os efeitos que o conhecimento de Deus produz nos cristãos os levam a serem fortalecidos por meio dele; os que conhecem a Deus pensam grandes coisas sobre ele; são ousados por causa dele e tem grande alegria nele

²⁰⁸.

“O que então está contido no ato de conhecer a Deus? Juntando os vários elementos incluídos neste relacionamento, já delineados, podemos dizer que o conhecimento de Deus envolve inicialmente o ato de ouvir a Palavra de Deus e recebe-la de acordo com a interpretação do Espírito Santo ao aplicá-la a nós. Em segundo lugar, prestar atenção à natureza e ao caráter de Deus revelados em sua Palavra e obra; em terceiro lugar, aceitar seu convite e obedecer a suas ordens e, em quarto lugar, reconhecer o amor demonstrado por Deus e alegrar-nos nele. Com isso, o Senhor se aproxima de nós e nos atrai para sua divina companhia. [...] só podemos conhecer a Deus deste modo, mediante o conhecimento de Jesus Cristo, que é Deus manifestado na carne”²⁰⁹.

Jones Mark escreveu que o conhecimento verdadeiro e preciso das Escrituras, acompanhando da ação do Espírito Santo, fortalece a fé. Quanto mais o crente compreende as promessas de Deus na Palavra e seus gratiosos propósitos em Cristo, mais segurança pode obter na fé. Essa fé é fortalecida com a Palavra de Deus, pois ‘a fé necessita da Palavra, não menos que o fruto da raiz viva da árvore’²¹⁰.

Calvino acrescentou que esse conhecimento é seguro e firme, a fim de expressar a sua solidez e constância. Pois, a fé é clara e requer é uma certeza plena e segura²¹¹. Esse conhecimento, não provém da imaginação de cada um, mas de Deus testemunhar a sua bondade, e o entendimento recebido, há de ser plantado no coração do crente²¹².

3.2.4. As promessas de Deus

Calvino escreveu que para que a fé não trema e oscile de um lado a outro, é necessário que o filho de Deus se firme na promessa da salvação que o Senhor ofereceu

²⁰⁷ Ibid., p. 29, 30.

²⁰⁸ Ibid., p. 30-35.

²⁰⁹ Ibid., p. 43, 44.

²¹⁰ MARK, *Fé, Esperança e Amor*, 2018, p. 86.

²¹¹ CALVINO, *As Institutas*, 2002, p. 11.

²¹² CALVINO, *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, 1989, p. 55, 61.

a ele por sua vontade e generosidade²¹³. A promessa gratuita de Deus é como fundamento da fé, pois são nas promessas de Deus que a fé se apoia. Desde que a fé tenha Deus como verdadeiro e receba com obediência os mandamentos de Deus, respeite as suas proibições e tema as suas ameaças, ela começa pela promessa, nela se fixa e ali tem o seu fim. A fé busca a vida em Deus, que se encontra unicamente na promessa de misericórdia, que é gratuita²¹⁴.

Para Jones Mark, as promessas de Deus leva a pessoa a servi-lo de maneira livre e voluntária, e suas ameaças a impede de viver confiando em si mesmo.²¹⁵ A Fé recebe as promessas, mas também treme por conta das ameaças²¹⁶.

Se Deus promete algo, nisso é comprovado a sua benevolência, pois todas as suas promessas são um testemunho do seu amor, um atestado do amor divino. Em virtude de suas promessas, o Senhor convida o crente a colher os frutos de sua benignidade e também a meditar neles²¹⁷.

As promessas de misericórdia do Senhor são verdadeiras, e quando o crente as abraça, desta admissão nasce a confiança, nasce a paz. Esta paz consiste numa segurança que acalma e tranquiliza a consciência do crente diante do tribunal de Deus, segurança sem a qual ele se sentiria sacudido e quase dilacerado por muitas perturbações, caso permita se esquecer de Deus adormecendo por um momento²¹⁸.

3.2.5. A maturidade cristã

3.2.5.1. As tribulações

Como já foi visto²¹⁹, as tribulações, ainda que possa ser um fator que abale a certeza da fé, também é utilizada por Deus para o amadurecimento da certeza da salvação. Em Romanos 5.3,4, o escritor bíblico, escreveu alguns passos para a maturidade da fé cristã, a saber: a tribulação, que produz perseverança, que produz experiência, que produz a esperança. E nesses passos os cristãos devem caminhar com alegria, conforme disse o escritor bíblico em Tiago 1.2-4, pois ao passar pela provação, ela pode confirmar a fé e produzir perseverança, se o crente não ceder às tribulações.

Calvino afirmou que diante da tribulação, uma grande porção do gênero humano murmura contra Deus, mas quando o crente é submisso ao Espírito Santo e a

²¹³ CALVINO, *As Institutas*, 2002, p. 22.

²¹⁴ Ibid., p. 21,22.

²¹⁵ MARK, *Fé, Esperança e Amor*, 2018, p. 91.

²¹⁶ Ibid., p. 90.

²¹⁷ CALVINO, *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, 1989, p. 57.

²¹⁸ Ibid., p. 40,41.

²¹⁹ Nas páginas 43 e 44.

sua ação, a consolação comunicada pelo mesmo Espírito assume o lugar da obstinação e as tribulações se tornam meios de gerar a paciência. A aflição é usada por Deus para provar a fé, de modo que a salvação progrida. A paciência nutre a esperança, de que jamais o servo de Deus estará sem a graça que o socorre em suas necessidades. A esperança emana da experiência²²⁰.

3.2.5.2. *A perseverança*

A luz do texto de Rm 5.2,3, a tribulação produz perseverança. A perseverança é o objetivo deste processo de teste, e conforme Douglas Moo, a perseverança é como uma firmeza, uma força estável e persistente, como uma resposta desafiadora, forte e ativa²²¹.

Jay Adams expôs que a perseverança dos santos, enfatiza de modo pleno que é através de esforços envolvidos na santificação que a pessoa permanece segura. Deus continuamente admoesta os crentes a perseverarem (Mt 10.22; 24.13; Rm 2.7,8). Se esses são verdadeiramente filhos de Deus, devem entender que Deus se importa com eles. Ele cuida e os preserva para que os santos perseverem, e mais cedo ou mais tarde eles entenderão isto, de modo que poderão enfrentar seus problemas agora e sair de sua zona de autocomiseração e começar a agir como santos²²².

Contudo, sobre o crente há um dilema. Calvino escreveu que o cristão: por um lado ele está cheio de alegria pelo conhecimento que tem da bondade de Deus, e por outro vive angustiado por sentir a sua calamidade; em parte ele descansa na promessa do Evangelho, mas em parte tem pesar pela sua iniquidade; em parte ele se liga à vida com alegria, e em parte tem pavor da morte. Essa diversidade de sentimentos provém da imperfeição da sua fé, e ele chegará a gozar essa felicidade durante a vida presente, quando for eliminada toda a sua desconfiança, para assim ter a plenitude da fé. Daí procede uma batalha, quando a desconfiança que ainda resta se dispõe a abalar e a destruir a fé²²³, quando ele perseverar no Senhor. Os fiéis são ensinados a examinar-se a si mesmos, de maneira cuidadosa e humilde, para que a confiança da carne não se tome o lugar da certeza da fé²²⁴.

²²⁰ CALVINO, João. **Romanos**. São Paulo, SP: Parakletos, 2001, p. 182,183.

²²¹ MOO, **Tiago**, 1990, p. 60.

²²² ADAMS, **Teologia do Aconselhamento Cristão**, 2016, p. 363, 366.

²²³ CALVINO, **As Institutas**, 2002, p. 14.

²²⁴ CALVINO, **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, 1989, p. 35.

3.2.5.3.A fé e a esperança

De acordo com Jones Mark, a esperança cristã é a virtude concedida pelo Espírito para capacitar o servo de Deus a esperar com alegria as coisas prometidas por ele mediante Cristo. A esperança procura por Deus, porque ele é o Deus da esperança (Rm 15.13), a própria esperança²²⁵.

Fé e esperança são termos que dificilmente poderiam ser separados, pois fé é a certeza de coisas que se esperam (Hb 11.1)²²⁶. Calvino mostrou que onde quer que exista fé, necessariamente irá acompanhada da esperança na vida eterna, e se não houver esta esperança, por mais eloquente e elegantemente que se fale da fé, é indubitável que não exista nenhum indício dela²²⁷.

A esperança é a confiante espera pelos bens que a fé creu que verdadeiramente foram prometidas por Deus. A fé crê que Deus é verdadeiro e a esperança espera confiante que Ele revelará em tempo a Sua verdade. A fé crê que Deus é Pai e a esperança espera confiante que Ele se revelará Pai. A fé crê que a vida eterna é concedida e a esperança espera confiante que um dia a obterá²²⁸.

A esperança aguarda em silêncio a Deus, mantendo sob controle a fé, para que a fé não tropece na pressa; a esperança confirma a fé e a fortalece, para que não vacile, em relação às promessas de Deus ou nas dúvidas; a esperança produz ânimo renovado e revigorado na fé para que a fé não se canse; a esperança conduz a fé até à sua meta final, para que não desfaleça no meio do caminho; a esperança renova e restaura diariamente a fé dando constante vigor para que ela persevere²²⁹.

3.2.5.4.Crescimento espiritual

Onde há vida deve haver crescimento. Em 2Pe 1.5,8-10, o apóstolo descreve a fé que redunde em crescimento espiritual, em maturidade cristã. Para isso, ele apresentou algumas qualidades como: “virtude, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade e o amor”. Deus dá aos seus filhos os meios de graça para o fortalecimento da segurança da salvação, mas isso não é automático. Wiersbe escreveu que:

²²⁵ MARK, *Fé, Esperança e Amor*, 2018, p. 123.

²²⁶ GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, 2004, p. 73.

²²⁷ CALVINO, *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, 1989, p. 67.

²²⁸ CALVINO, *As Institutas*, 2002, p. 138.

²²⁹ *Ibid.*, p. 138.

“Deus concede a seus filhos tudo de que precisam para viver de modo piedoso, mas seus filhos devem aplicar-se e ser diligentes no uso dos "meios da graça" que ele já proveu. O crescimento espiritual não é automático. Requer cooperação com Deus, diligência e disciplina espiritual. "Desenvolvi a vossa salvação [...] porque Deus é quem efetua em vos tanto o querer como o realizar" (Fp 2:12, 13)”²³⁰.

O cristão pode então ter a certeza de que está crescendo espiritualmente, e tendo a certeza da sua salvação, evidenciada de três maneiras, de acordo com 2Pe 1.8-10: dando frutos, tendo visão e segurança.

Wiersbe argumentou que o cristão deve dar frutos. Quanto mais semelhantes a Jesus Cristo ele se tornar, mais o Espírito pode usar sua vida para testemunhar e servir. O cristão estagnado e infrutífero é "inativo", e o seu conhecimento de Jesus Cristo não produz nada prático. Quando o cristão anda com os olhos fechados, acaba tropeçando, mas o cristão em crescimento caminha confiante, pois sabe que está seguro em Cristo, os seus olhos foram abertos. Entretanto, o que garante que o indivíduo é salvo não é sua profissão de fé, mas sim seu progresso na fé. Se alguém afirma ser filho de Deus, mas seu caráter e conduta não evidencia nenhum crescimento espiritual, engana-se a si mesmo e ruma para o julgamento²³¹. Por isso o cristão deve progredir cada vez mais na sua caminhada com Deus.

²³⁰ WIERSBE, **Comentário Bíblico Expositivo**, 2006, p. 555.

²³¹ Ibid., p. 566-568.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o presente trabalho foi observado que muitos podem ser os fatores que abalam a certeza da salvação do crente que verdadeiramente é salvo. Os crentes podem ser abalados pelos problemas e dificuldades que a vida lhes impõe como, a ansiedade, a solidão, a depressão, a dúvida, a incredulidade, o sofrimento e outros, ou ainda por pecados próprios e consequências que tendem a tirar o foco deles em Cristo. As razões para a perda de segurança são encontradas primariamente no crente, e podem incluir a sua negligência e hipocrisia na perseverança da segurança, mediante seu mal exercício, a queda em algum pecado ou em repentinas tentações. Diante desses fatores, o cristão pode continuar vivendo sem ter a segurança plena da salvação, não indo além de ser um filho da luz andando nas trevas, e com isso se enfraquecer.

Contudo, quanto a certeza da salvação, há ainda uma questão aterrorizante para os que não são crentes, que é a falsa certeza, onde o indivíduo de maneira ilusória pensa que é salvo, se deixa persuadir de que é um eleito e que se encontra em um estado de graça, quando na verdade, nada mais é senão um estado de pecado e morte. A verdadeira certeza e a falsa certeza são muito diferentes. A falsa certeza é motivada pelo amor próprio, egoísta, e por uma crença no evangelho sem qualquer compreensão profunda do pecado. Logo, posto em dúvida, como o crente pode ter a certeza da sua salvação, de que realmente é um eleito e não um indivíduo movido pela ilusão e que, tendo essa certeza, não pode perdê-la?

Em resposta aos problemas levantados no presente trabalho que podem abalar a segurança da fé, pondo em dúvida a salvação, a Palavra de Deus aponta para o fato de que todo aquele que crê em Cristo Jesus, para salvação, e se arrepende de seus pecados, é salvo por Ele. O Espírito Santo passa a habitar no cristão, sendo como garantia dessa salvação, gerando transformação de vida e segurança, e como selo, ele é uma prova de que o cristão jamais pode perder a sua salvação, mesmo em meio às dificuldades da vida. A conversão operada pelo Espírito é um processo que dura a vida inteira, o que faz com que o crente morra para a própria vida e viva a segurança pela proximidade de Cristo.

A segurança espiritual dos crentes depende, principalmente, não de que eles se segurem em Deus, mas de que Deus os segura. Os crentes perseveram porque Deus os capacita a perseverar. Logo, esse benefício que os verdadeiros crentes recebem de e

em Cristo, não pode ser perdido, tendo em vista que estão seguros nas mãos dele, de maneira que nada pode arrancá-los.

Contudo, Deus, como o Soberano Senhor, que desde antes da fundação do mundo já escolheu aqueles que lhe pertencem, pelo intermédio de Jesus Cristo, e pela operação do Espírito Santo, proporciona meios para que o cristão tenha a sua salvação desenvolvida e amadurecida, e a segurança da mesma estabelecida. E ainda que a segurança da salvação seja abalada, ela é reavivada da mesma forma que foi obtida da primeira vez. Isso implica no fato dos crentes reverem sua vida, confessar sua apostasia e se lançarem sobre Deus e sobre as suas graciosas promessas em Cristo Jesus. O cristão deve usar diligentemente os meios de graça, se dedicando a oração e meditação da Palavra de Deus, e participando dos sacramentos, vivendo em comunhão com Deus e com outros cristãos, buscando santidade e sendo vigilante. O crente deve se apegar ainda mais em Deus e na sua Palavra, nas suas promessas, se assegurando de que todos os que são salvos por Cristo, não podem ser tirados da sua mão, ainda que as dificuldades venham abalar a fé cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Jay E. **Teologia do Aconselhamento Cristão**. Traduzido por Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2016.
- ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Confissão de Fé de Westminster**. 17ª ed, São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001.
- BARCLAY, William. **Gaiatas y Efésios: Comentário la Nuevo Testamento**. Vida Publishers, 2009.
- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: o Pecado e a Salvação em Cristo**. Traduzido por Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BEEKE, Joel R. **A Busca da Plena Segurança: o Legado de Calvino e Seus Sucessores**. 1ª ed. em português. Traduzido por Wadislau Martins Gomes. Recife-PE: Os Puritanos, 2003.
- _____ **A Segurança da Salvação: o Poder e a Beleza da Verdadeira Certeza da Fé**. Traduzido por de Thomas de Lima, São Paulo: Vida Nova, 2019.
- _____ **Espiritualidade Reformada**. Traduzido por Valter Graciano Martins. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.
- _____ FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das Confissões Reformadas**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2006.
- BERKHOF, Louis. **Manual de Doutrina Cristã**. Patrocínio, MG: CEIBEL, 2008.
- _____ **Teologia Sistemática**. Traduzido por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2006.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, vol. 3. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo, SP Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.
- BROWN, Stephen W. **Fé e Dúvida: Quando é Difícil Crer**. Tradução de Jarina Naves. São José dos Campos, SP: Fiel 2022.
- CALVINO, João. **As Institutas: Edição Especial Para Estudo e Pesquisa**. Traduzido por Odayr Olivetti. Vol. 02. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2002.
- _____ **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. Vol. 3. Edição clássica (latim). São Paulo, SP: Cada Editora Presbiteriana, 1989.

- _____ **Comentário de Efésios.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Edições Parakletos, 1998.
- _____ **Comentário de Romanos.** Tradução de Valter Graciano Martins. 2ª Edição. São Paulo: Edições Parakletos, 2001.
- CAMPOS, Héber Carlos. **As Duas Naturezas do Redentor.** São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2003.
- _____ **O Ser de Deus e as Suas Obras: a Providência e Sua Realização Histórica.** Vol. 2. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001.
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão.** Traduzido por Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo, SP: Vida nova, 2004.
- CRAIG, Peter C. **Comentário do Antigo Testamento – Deuteronômio.** Traduzido por Wadislau Martins Gomes. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2013.
- DIXHOORN, Chan Van. **Guia de Estudos da Confissão de Fé de Westminster.** Traduzido por Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2017.
- FOULKES, Francis. **Efésios: Introdução e Comentário.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.
- GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo.** São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática.** São Paulo, SP: Vida Nova, 1999.
- HENDRICKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Romanos.** Traduzido por Valter Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- _____ **O Evangelho de João.** São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004.
- HOEKEMA, Anthony A. **Salvos Pela Graça.** Traduzido por Wadislau Goínes. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- HODGE, Alexander. A.. **Confissão de Fé Westminster, Comentada por A. A. Hodge.** 1ª ed. em português. Traduzido por Valter Graciano Martins. Recife, PE: Os Puritanos, 1999.
- JONES, D. Martyn Lloyd. **Depressão Espiritual: Suas Causas e Curas.** Traduzido por Inge Koenig, São Paulo, SP: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1987.
- LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: Igreja, a Noiva Gloriosa de Cristo.** São Paulo: Hagnos, 2009.
- _____ **Filipenses: a Alegria Triunfante no Meio das Provas.** São Paulo, SP: Hagnos 2007.

- MARK, Jones. **Fé, Esperança e Amor**. Traduzido por Rogério Portella e Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.
- MARTIN, Ralph P. **Filipenses, Introdução e Comentário**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.
- OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento – Isaías**. Vol. 2. Traduzido por Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011.
- PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1996.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho Científico [recurso eletrônico]: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SHEDD, Russell. **Tão Grande Salvação**. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- STOTT, John R W. **A Mensagem de Efésios: a Nova Sociedade de Deus**. 6ª ed. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: ABU Editora, 2001.
- VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. Traduzido por Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- TAYLOR, Richard S. **Dicionário Beacon Teológico**. Campinas, SP: Casa Nazarena de Publicações, 1994.
- TENNEY, Merrill C. Vários Autores. **Enciclopédia da Bíblia**, vol. 5. Tradução da equipe de colaboradores da Cultura Cristã, São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2008.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**, vol. 6. São Paulo: Geográfica, 2015.
- _____. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Vol. 2. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.
- WALLACE, Jocelyn. **Ataques de Ansiedade e Pânico: Confiando em Deus Quando Você Tem Medo**. Tradução de Antonivan Pereira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.